

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1916

Nº 30

Grupo mantenedor: Brazilio Taborda, Maciel da Costa, Euclides Figueiredo, (redactores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Souza Reis, Paula Cidade, Mario Clementino, Parga Rodrigues, J. Franco Ferreira, Luiz Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos, Amaro Villa Nova.

SUMMARIO

EDITORIAL

A organisação nacional

PARTE JORNALISTICA

Hindenbugo.....	Traducção
Escola de applicação para officiaes superiores.....	Brazilio Taborda
Carta aberta.....	Asptº J. Faustino
Organisação dos arsenaes e fabrícias militares.....	1º Tte F. de Vasconcellos
Um novo regulamento.....	1º Tte F. Paula Cidade
Recrutamento de sargentos.....	1º Tte João Marcellino
Questões á margem.....	1º Tte B. Klinger
Considerações artilheiristicas.....	Traducção
A efficacia do fogo.....	Barbosa Monteiro
Subsidio para o anno de instrucción	2º Tte Mario Travassos
Fuzil Mauser M. 1908.....	Cap. L. P. M. de Andrade
O cavallo de guerra	Traducção

NOTICIARIO

Destruções a explosivo — Decreto 11.899
— Publicações do Ministerio da Guerra — Expediente

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e EUCLYDES FIGUEIREDO

N.º 30

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1916

Anno III

EDITORIAL

A organização nacional.

NUNCA é demais insistir na influencia poderosa que uma bôa organisação militar exerce sobre a organisação nacional, e, por isso mesmo, é um dever nosso dar combate a idéas anarchicas que circulam pelas columnas de diversos diarios, firmadas algumas por nomes de pessoas respeitáveis, mas não bem orientadas ou elucidadas sobre o problema da *nação armada*.

O Snr. Dr. Alberto Torres, por exemplo, pelas columnas d'*A Noite*, tem escripto uma serie de artigos por esta forma encimados: **Moralisação, Regeneração, Organisação, Defendam-nos!, A's armas cidadãos!** etc.

Quem lê estes dizeres suggestivos fica a pensar que o illustrado brasileiro em seus artigos aponta o caminho da moralisação dos costumes, da regeneração do caracter nacional, indica os meios para com os elementos assim melhorados conseguir-se uma bôa organisação nacional, capaz de progredir e de se defender. Para augmentar a illusão, como que figurando uma situação de desespero, o typographo estampou em letras garrafaes no tópo da columna, como um grito de guerra, o heroico e mavortico appello: **A's armas, cidadãos!**

Puro engano!

Os artigos do Sr. Alberto Torres são uma obra exclusivamente de demolição, sem mesmo deixar prever o proposito de uma acção constructiva definida a ser tentada.

Censurando a attitude dos que profligam a falta de patriotismo que os brazileiros comettem com a imprevidencia, com o descuido pela defeza nacional, só se abalando «em face de crises agudas que apresentam a imagem do perigo como uma causa immediata e inevitável», elle assim se exprime:

«... Mas, se ha caso em que, justamente, esta attitude seja completamente descabida, é o caso brasileiro, caso absolutamente singular, absolutamente novo, de uma população que não é e não pôde ser uma nação, de um agglomerado de gente que não é uma sociedade, e que, não sendo nem uma nação nem uma Patria, nos requisitos materiaes, nos elementos de relação, nos vinculos de liga pratica que formam as nações e as Patrias, não pôde sentir os impulsos habituaes dessa solidariedade, pela mesma razão elementarissima por que um braço inexperto para a esgrima não é capaz dos movimentos de um torneio de florete!»

Não é e não pôde ser uma nação!

Que no Brazil não está ainda bem definido o caracter de nacionalidade, não ha negar, mas dahi a se inferir que o povo brasileiro *não pôde ser uma nação* vae uma distancia tão grande como a que

separa um crente activo e energico de um sceptico maldizente e desacoroçoados.

Para o articulista «o Brazil não é, siquer, uma anarchia; é uma anti-anarchia. A anarchia é uma organisação sem lei e sem governo: o Brazil é uma desorganisação dominada por arbitrios; o Brazil não é um paiz, uma nação, um estado, uma Patria: é uma exploração.»

No meio de todo este azedume vae uma bôa dose de razão no que se refere aos máos governos que infelizmente temos tido, mas é preciso discernir e não capitular no mesmo crime de exploração o explorador e o explorado. O explorador é o politico, o magistrado, o parlamentar, o funcionario publico, o bacharel, emfim, o bacharel que frue as delicias das rendosas e commodas posições que occupa, posições e logares que se multiplicam á medida que lhe nascem os filhos; é o bacharel que protesta contra a *humilhação* do serviço militar e que tem como deshonra o preparar-se para defender a Patria que, mais do que ninguem, elle gosa e desfructa. O explorado é o lavrador, é o trabalhador das industrias, do commercio, das artes e dos officios, é o povo, emfim, o povo que lucta, que trabalha, que moureja, que paga impostos de suor e de sangue. Só elle tem o dever de dar a vida pela Patria; os outros reservam-se apenas o direito de desfructal-a.

Neste ponto de vista não ha duvida — o Brazil é uma exploração...

Todos os argumentos, embora falsos, servem para combater o serviço militar obrigatorio, porque se não teem o valor da verdade e da logica teem ao menos o poder da mystificação.

Citemos ainda este outro trecho do Dr. Alberto Torres:

«E' mister organizar a defeza militar; mas, para o proprio serviço militar obrigatoria — que é a solução que ahi está em voga! — é necessario ter verbas no orçamento e dispôr de recursos financeiros. Isso não se faz — fóra do papel — sem

muita despesa, com a fórmula que foi prefeida. Sendo impossivel, porque não ha verba, e porque, affirmam todos os sabidos nossas finanças, é imprescindivel fazer grandes economias — que significação têm e que valor pratico exprimem a agitação da opinião e a actividade governamental que fervilha em torno dessa idéa?

Um simples movimento de nervosidad palavrosa e esteril, como todos os que resultam de impulsos suggestivos...»

Que idéa! Achar que o serviço militar obrigatorio acarreta grandes despezas E o voluntariado? Pois se o serviço militar obrigatorio é exactamente a solução económica do problema da defeza milita de uma nação! Tal serviço é um imposto um tributo que durante um periodo muito curto de sua vida o cidadão paga á comunhão em que vive. Findo este curto período em que o cidadão aprende o manejo das armas, e em que exercita e disciplina suas energias physicas e moraes, elle restituído aos seus afazeres primitivos e entregue aos que queira emprehender. Es soldado cidadão não pode visar durante o tempo em que serve sob a bandeira outro lucro que não seja o do seu preparo para a defeza da Patria, exactamente o contrario do mercenario permanente de hoje que ganha para ser capanga da nação que naturalmente como capanga precisa ser bem pago, pois é este o seu meio de vida.

Sob o ponto de vista da organisação das industrias e de todos os trabalhos que impulsionam o progresso material e moral de um povo, o serviço militar obrigatorio tem exercido uma influencia apreciavel até mesmo decisiva em todas as nações onde tem sido implantado. E não se diga que elle é uma planta exótica no nosso meio americano. Não, o serviço militar obrigatorio tem produzido na America efeitos mais surprehendentes do que os que produziu na Europa, sendo aliás isto plenamente de esperar, pois lá elle só avigorou ou fortaleceu a ordem e a disciplina socia já existentes, ao passo que aqui elle tem

creado, ao lado da ordem e da disciplina, um fervoroso sentimento de nacionalidade nos povos que o adoptaram.

Nós somos uma nação improvisada, sem raízes no passado, de formação étnica indefinida e fácil, portanto, de esboçoar-se. Temos por isso necessidade de nos prevermos ao mesmo tempo contra um possível inimigo externo e contra um mais que possível inimigo interno — a falta de coesão nacional.

De nada vale o engrandecimento material de um paiz sem o progresso moral correspondente e sem a preparação de sua defesa.

O progresso, sem o apparelhamento da defesa, é um estimulante para a cobiça das nações *civilisadoras*, como bem pôdem dar testemunho o Orange e o Transwaal, ou representa, no mínimo, uma armazenagem de recursos para o inimigo futuro, que aparecerá tanto mais depressa quanto maior e melhor fôr o stock.

Por felicidade nossa podemos agora encerrar estas linhas em plena harmonia com o illustre patrício:

« ... Os factos têm a sua lógica: e a lógica das nações improvisadas, ou será a da sua vontade consciente, a do seu pensamento reflectido, ou o declive, o precipicio, o abysmo... »

« Tudo entre nós, e por algumas dezenas de annos, depende da concentração dos espíritos e das vontades na empreza da **organização nacional**. »

HINDENBURGO

Sua batalha de inverno na Masuria, de 7 a 15 de Fevereiro de 1915

Traduzido da revista hespânola "La Guerra Europea" n.º 78 de 13 de Dezembro de 1915, pelo 1.º tenente Arnaldo da Silveira Hautz.

« O Sr. Hans Nieman publicou uma interessante e clara narração das operações que terminaram com a batalha de Augustovo. Aqui reproduzimos-l-a quasi na íntegra, certos de que agradará aos leitores. J. A. A. »

INTRODUCÇÃO

Cerca de 20 de Setembro de 1914 terminou Hindenburgo sua primeira campanha contra os russos. Com 135.000 homens conseguiu elle, em tres semanas, livrar a Prussia oriental da invasão de meio milhão de soldados, aniquilou o exercito do Narew e bateu o do Niemen, obrigando-o a uma retirada quasi em fuga.

Rennenkampf, com este ultimo exercito, procurou e só encontrou protecção por traz da linha fortificada Kowno-Grodnó. Só ahi terminou a perseguição allemã.

Quasi nessa mesma occasião produzia-se no theatro occidental da guerra uma profunda mudança na situação. Pretendia o exercito allemão destruir as forças francesas na Champagne, ao sul do Marne, cercando-as pelo N., E. e occidente. Porém, quando estava prestes a conseguir seu objectivo, aquelle ataque envolvente se deteve no Marne, na região a leste de Paris. De 8 a 14 de Setembro, enquanto Hindenburgo batia os russos commandados pelo general Rennenkampf, o exercito allemão na França retrocedia daquelle rio até o Aisne.

Um dos motivos principaes que determinaram esta medida consistiu em que as forças de segunda linha que, segundo o plano primitivo, deviam proteger o flanco direito e a retaguarda do exercito invasor, constituindo para isso um novo exercito na região entre Paris e Lille, tiveram que ser empregadas em outros pontos e principalmente na frente oriental, para evitar ali prejuizos muito graves.

Houve ainda outros motivos importantes para essa brusca mudança na frente occidental, porém, razões de oportunidade enquanto durar a guerra, impedem entregar á discussão publica taes motivos. Demais, naquelles dias decisivos do mez de Setembro, o fim dos combates em torno de Lemberg constituiu um exito innegável para os russos. Após esses combates tornava-se pelo menos muito duvidoso que nossos aliados pudessem sósinhos fazer frente, naquelle theatro de operações, a um exercito numericamente quasi duplo e conseguissem dominar a offensiva russa.

Transcorrido o primeiro mez de lucta, viu-se claramente que a Russia, ao estalar a guerra, havia já terminado a sua mobilisação, sem que necessitasse, como se havia suposto, de dous ou tres meses para ultimar seus preparativos.

Partindo desse logico presupposto, nosso plano consistira em destruir rapidamente o inimigo na frente occidental e marchar depois com todas as forças contra a Russia.

Encontrou-se, pois, o nosso alto comando ante o problema de executar esse plano ou abandonal-o quando quasi já havia conseguido seu objectivo e marchar immediatamente contra a Russia.

A persistir no plano primitivo, podia esperar-se um exito completo no occidente, desde que fossem, para isto, empenhadas todas as tropas disponiveis, mas não se podia calcular quanto tempo seria necessário para terminar essas operações. Porém, neste caso, ficariam seguramente não uma mas varias provincias alemanas e austriacas entregues sem defesa á invasão dos russos. Muitos mil milhões se perderiam, particularmente na Silesia; sobre a Allemania oriental teria cahido o açoute da miseria indescriptivel.

Se, em troca desse plano, se empregava simultaneamente a lucta contra a Russia, dada a superioridade da estrategia do general Hindenburgo, podia-se contar com muitas probabilidades de que se conseguiria, mediante alguns reforços, manter os russos longe da fronteira alemana, conservando-se por outro lado na frente occidental todas as vantagens alcançadas até o momento em que os Imperios Centraes, reforçado seu poder com novas unidades, pudesse empregar em uma das frentes operações importantes sem ter que retirar da outra forças de valor.

Por todas essas considerações o nosso Estado Maior se decidiu a abandonar o plano primitivo. O novo objectivo da guerra era quasi opposto ao anterior. Agora já se tratava da defesa no occidente, firmando as vantagens alcançadas e, em troca, na frente oriental, tratar-se-ia de proteger energeticamente as fronteiras até que, convenientemente reforçado o exercito, se procurasse em seguida submeter completamente a Russia.

Todo o desenvolvimento da guerra deve ser considerado partindo do ponto de vista exposto, para bem serem comprehendidas as operações em ambas as frentes...

Na frente oriental a missão de Hindenburgo consistia primeiro em proteger energeticamente as fronteiras alemanas e depois em subjugar a Russia.

A primeira parte elle a realizou e absoluto; a segunda, executou já em sua maior parte com exito brilhante.

A nossa fronteira oriental tem dois pontos vulneraveis. Em primeiro logar Prussia oriental que, por sua situação avançada para leste, permite que o inimigo ataque facilmente por dois lados. A fronteira em seu conjunto não é protegida por grandes obstaculos naturaes nem artificiais.

A partir da cinta de fortalezas que contorna a fronteira, dispõem os russos de tres linhas de invasão constituidas por estradas de ferro e carreiras. A de norte passa por Kowno-Stallupönen-Gumbinnen-Insterburg; a de S. E. por Bjelostok-Lyc Lötzen; a do sul por Varsovia-Mlaw Soldau (ou Neidenburg)-Allenstein.

Já no mez de Setembro, não obstante acharem-se suas tropas em todas as partes pisando sólo inimigo, Hindenburgo fez construir na Prussia oriental fortes posições defensivas que cerravam essas três linhas de invasão. As linhas de Insterburg e Angerapp foram fortificadas desde o S. de Tilsit até Angerburg. As passagens da cadeia formada pelos lagos masurianos entrincheiraram desde o lago Mauer ate Spirding; a linha de Latenburg-Soldau-Neidenburg foi tambem provida de trincheiras. Assim conseguiu-se proteger eficazmente a Prussia oriental com elementos da guerra de posições e com escassas forças.

O segundo ponto perigoso da fronteira oriental era a Silesia. Considerou Hindenburgo que a melhor maneira de defendê-lo consistia em uma offensiva na Polonia russa, na direcção geral Varsovia-Ivangorod e em combinação com os austriacos. Iriamos demasiado longe se quissemos descrever aqui o desenvolvimento dessas operações.

Para a acção na Polonia foi necessário empregar desde logo grande parte das forças que até então occupavam a Prussia oriental. Foram abandonados o território de Suwalki e o sitio de Ossowietz; o resto do exercito e as unidades de reservas Landwehr e Landsturm, ocuparam as posições defensivas citadas.

Estas poucas tropas, com os escassos reforços recebidos nos mezes seguintes, defenderam a Prussia oriental á custa de immensos sacrificios e de duros combates até começo de Fevereiro de 1915 com os frequentes e repetidos ataques do

exercito russo, que contava com forças mais de duas vezes superiores a ellas.

Tanto havia augmentado nossa força em principios de Novembro de 1914 que Hindenburgo pôde iniciar então a segunda parte de sua empreza. Para isso começou pela segunda offensiva na Polonia, que durante os mezes de Novembro e Dezembro custou aos russos 160.000 prisioneiros em numeros redondos e um numero ainda maior de mortos e feridos. Terminados estes combates, comprehendeu elle na Prussia oriental um ataque que terminou com o total aniquilamento do 10º exercito russo. Sua batalha de inverno na Masuria é um dos golpes mais rudes que o nosso heroe fez sentir aos russos, como Tannenberg constitue para Hindenburgo um legitimo triumpho que perdurará eternamente na historia como exemplo brilhante da suprema arte da guerra.

Servem as paginas seguintes para transmittir o desenrolar desses combates a nossos contemporaneos e ás gerações futuras.

A batalha de inverno na Masuria

Em principios de Fevereiro de 1915, 220.000 russos ao mando de Sievers mantinham, em uma frente de 165 kilometros, uma campanha de posições contra os 100.000 alemães que, sob o commando de Below, defendiam a Prussia oriental nas posições fortificadas acima mencionadas. No N. começava a posição russa no Sjessuppe a E. de Tilsit e dahi se estendia para o oriente pelo bosque de Schorell seguindo logo em direcção sul proximamente segundo a linha: Spullen-este de Gumbinnen-oeste de Goldap-este de Lötzen-Johannisburg e desse ponto ao longo do Pisseeck. A linha alemã seguia os rios Inster e Angerapp até o lago Mauer; mas para o sul só havia fortes guarnições nos desfiladeiros dos lagos, particularmente no de Lötzen e nos montes de Paprod situados entre os lagos de Löwentin e Spirding. Ao sul deste lago havia tropas de observação no bosque de Johannisburg.

Em sua gigantesca extensão tinha a posição russa sua força e ao mesmo tempo sua debilidade. Sua força porque numa tal frente podia utilizar por completo a efficacia de combate e de fogo de todas as tropas; sem a menor dificuldade podiam entrar em fogo todos os seus fuzis e canhões. Sua debilidade provinha tambem da extensão, porque a offensiva de forças

superiores contra um ponto dessa linha de 165 kilometros não era possivel ser contida a tempo. As tropas que do centro tivessem que trasladar-se ás alas ou vice-versa, teriam que fazer duas marchas forçadas de 40 kilometros por dia e nesses dois dias podiam ser batidas as alas e rôto o centro. Justamente a posição russa convidava á ruptura que, tentada em Lötzen, por traz do Angerapp, nos montes de Paprod ou simultaneamente em dois pontos, deveria conduzir ao seu objectivo. Si se acommettesse numa frente de 20 kilometros tão sómente com tres corpos de exercito, no primeiro dia não poderiam os russos oppor-lhes mais de um corpo e meio, e logo, no maximo, outros tres se não quizessem desguarnecer grandes porções do resto de sua posição e abandonar por esta forma a Prussia oriental.

O exito não poderia offerecer duvida levando em conta a superioridade da tática de ataque e do fogo dos alemães, assim como a da nossa artilharia. Era provavel que logo no primeiro dia se conseguisse romper as linhas russas, bater o inimigo dispersando-o e obrigando-o a uma retirada desastrosa, de modo que abandonassem por completo a Prussia oriental e tudo isso com poucas perdas de nossa parte.

E' caracteristico do movimento de ruptura que com elle não se pôdem alcançar outras vantagens que as que acabamos de citar, porque, no exercito batido, as fracções separadas pela ruptura conservam livres suas linhas de retirada. Para cortar estas é preciso combinar a ruptura com um movimento envolvente. Pôde-se operar de modo que o exercito encarregado daquella mude de frente á direita ou á esquerda ou simultaneamente em ambas as direcções. Porém, se o envolvimento das fracções separadas é possivel em theoria, praticamente constitue um absurdo, porque para encerrar 200.000 em dous grupos de 100.000 são necessarias mais tropas que para encerrar 200.000 em um só circulo. E o completo envolvimento de um só dos grupos gera o perigo de ser o exercito envolvente atacado pela retaguarda pelo outro grupo não envolvido.

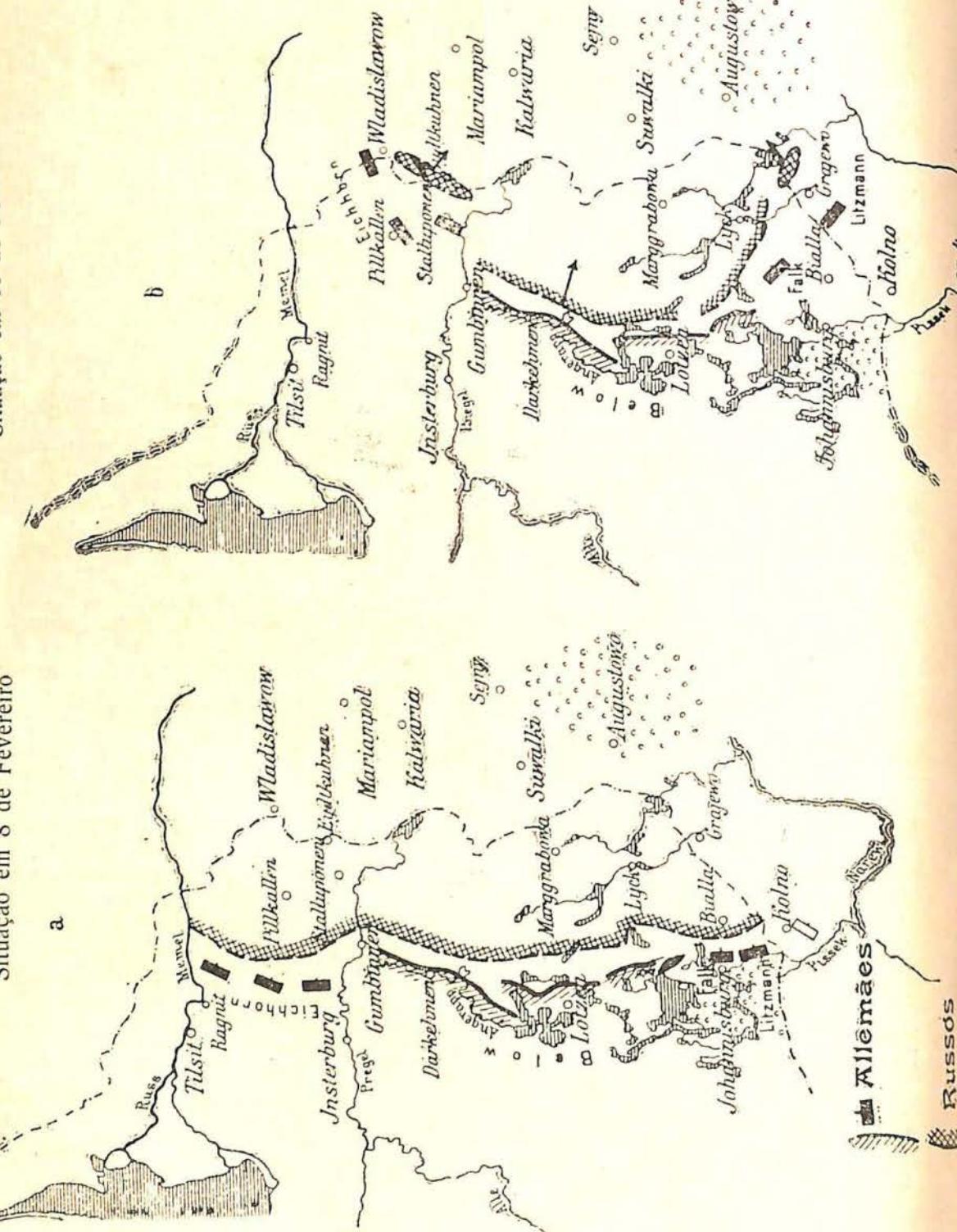
Pelo exposto torna-se indiscutivel que quando um general pretenda destruir o inimigo, recorrerá á manobra de envolver a totalidade de seu exercito como o fizera Annibal em Cannas, Frederico o Grande

em Rosbach, Leuten, Torgau e Burkersdorf, como Napoleão procedeu em muitas bata-

lhas de suas numerosas campanhas, Moltke em Sadowa, St. Privat e Sedan e final-

A Batalha de Inverno na Masuria

7 a 15 de Fevereiro de 1915

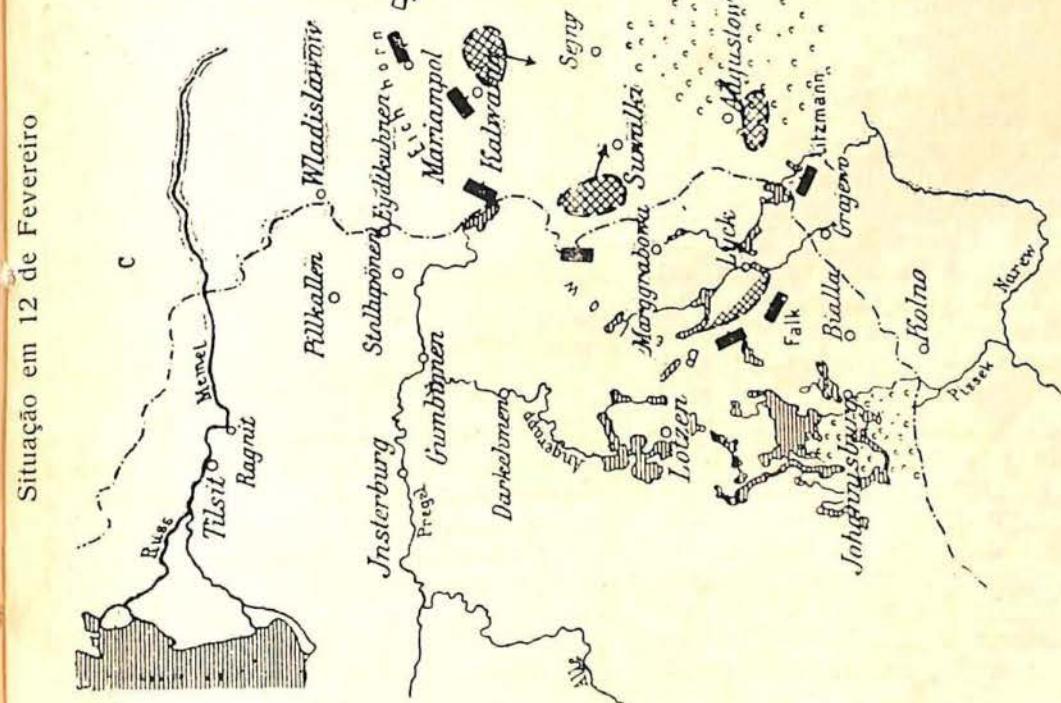


Situacao em 10 de Fevereiro

Situacao em 12 de Fevereiro

Situacao em 14 de Fevereiro

Situacao em 15 de Fevereiro



mente como o proprio Hindenburgo o fez em Tannenberg, com um exito como até agora jamais foi alcançado.

A missão de Hindenburgo consistia

em destruir os russos e, para isso, iniciou seu duplo ataque como em Tannenberg. Aqui tornava-se mais facil empreender o ataque; em compensação sua exe-

cução offerecia maiores difficultades. Em Tannenberg o inimigo estava em movimento, em marcha. Foi preciso detê-lo e forçá-lo antes de tudo a ocupar a posição contra a qual se tornavam mais fáceis os movimentos envolventes. A posição que elle ocupava agora era fixa e bem conhecida. Porém, então os 230.000 russos estavam concentrados em uma frente de 50 kilometros, agora, 220.000 ocupavam 165; então, se luctava no verão, agora no inverno com neve e com gelo e com alternativas de degelo. Em Tannenberg as duas alas envolventes tiveram que percorrer dia e meio de marcha; nesta batalha necessitavam de oito a nove dias e provavelmente de continuos combates. Uma circunstancia, em todo caso, facilitava a empreza: Hindenburgo dispunha agora de mais de 250.000 homens, enquanto que em Agosto de 1914 só contava com 135.000.

Levando em conta todas estas circumstancias, o Feld-marechal tomou suas disposições. Na região de Tilsit concentrou a ala envolvente N., composta de 3 corpos de exercito commandados pelo general von Eichhorn que, restabelecido em Janeiro de uma grave enfermidade, teve agora, pela vez primeira nesta campanha, de pôr em relevo suas qualidades de chefe. Consistia sua missão em marchar promptamente ao longo do Sjeszuppe avançando depois em direcção a S. E. com extensa frente sobre Kalwarija: impedir que os russos se utilizassem da estrada de ferro Stallupönen-Kowno e acometter com a maior rapidez sobre qualquer inimigo que lhe fizesse frente. Pelo sul emprehenderam o ataque o corpo de exercito do general von Falk e ao sul deste um corpo de reserva ao mando do general Litzmann.

O de Falk marchou por O. do bosque de Johannisburg e coberto por elle. Ao chegar á linha do Pissecck deveriam marchar ambos os corpos em direcção N. E. contra Suwalki e Augustovo. Era preciso proteger a avançada das alas contra movimentos envolventes dos russos e com esse fim foram enviados destacamentos lateraes até Taurroggen ao N. e contra Lomsha ao S., destacamentos que entraram em acção nos dias de batallia que se seguiram, ficando demonstrado que Hindenburgo havia bem julgado seu inimigo e que não foram inuteis suas medidas de precaução...

Terminado o desdobramento das duas

alas envolventes a 7 de Fevereiro de 1915, podia começar a batalha de destruição e, para isso, foi o seguinte o plano de Hindenburgo: ambas as alas deveriam atacar as contrarias envolvendo-as, batendo-as e aniquilando-as. Primeiramente, o centro permaneceria inactivo enquanto o centro russo mantivesse sua posição, caso em que se aumentaria a pressão sobre os flancos, se encurtariam as marchas envolventes e a decisão poderia ter lugar até o quinto dia, emprehendendo para isso o centro seu ataque uma vez que estivesse terminado o movimento envolvente. Se, cedendo ao ataque dos flancos, emprehendesse o centro russo sua retirada para E., então Below, com o centro allemão deveria atacar com energia procurando reter o inimigo e, se isto lograsse, os exercitos das alas procederiam como no primeiro caso. Mas poderia acontecer que o commando russo se inteirasse a tempo do perigo que corria e procurasse esquivar-se do ataque de frente retirando-se rapidamente e abandonando as unidades empenhadas na luta. Nesse caso seria preciso impedir sua evasão para E., em territorio russo, o ponto de conversão das duas alas allemãs em seu avanço concentrado e se alargariam as marchas que então seriam mais rápidas. O centro allemão seguiria depressa para que entre elle e os exercitos das alas não ficassem grandes claros. A duração da operação provavelmente tornar-se-ia dupla, visto que o movimento envolvente se deveria executar achando-se ambos os exercitos em marcha.

(Continua.)

Escola de Aplicação para Officiaes Superiores

La Nacion, de Buenos Aires, publicou em seu numero de 8 de Agosto do anno passado um artigo sobre "Ensinaimentos da guerra em 1914", do general Korner, que foi o organizador do exercito chileno, hoje o melhor exercito americano, e em que esse notável general se refere às condições militares dos países sul americanos.

Alludindo à incompetência de um grande número de generais e officiaes superiores do exercito francês, diz o general Korner:

"Uma prova prática e indiscutível desta severidade é o facto de que Joffre viu-se obrigado a destituir ou remover, até fins de 1914, a 77 generais e 150 officiaes superiores. A razão mais

poderosa de semelhante attitude é que esses chefes não lhe inspiravam a confiança necessaria em uma campanha tão séria como a emprehendida contra a Alemanha. Na Russia foram desligados do serviço, no ultimo mez, 18 generaes incapazes, segundo a opiniao do commandante em chefe que, por sua parte, apezar de haver dado provas de valor em sua mocidade, não é talvez o mais capaz para o supremo comando, enquanto que Joffre é homem para isso, preparado por uma carreira cheia de trabalhos e estudos, na qual tudo tem devido ao proprio merito, e não ao empenho ou auxilios alheios. Os generaes por elle despedidos são daquelles promovidos por intervenção da politica ou graças á protecção de gente mettida nella. E, pois, um merito novo do generalissimo francez havelos substituido por gente de suas proprias condições, ao passo que a medida tomada pelo grão-duque russo é uma offensa á justiça, porque com certeza elle procurou augmentar o numero de seus aduladores nos postos do alto commando. Que lição util e séria para as nações sul-americanas! Sómente no Chile se conseguiu banir a politica das fileiras do exercito. Porém, porventura, se ha também banido dellas a influencia dos deputados e senadores nas promoções, transferencias de garnições, commissões especiaes, etc.? Si assim for, será um novo passo para a frente. Onde não é assim é de desejar que a lição dada por Joffre seja aproveitada. Porque onde houver um exercito com generaes politiqueiros, promoções, etc., não justificadas exclusivamente pela letra da lei, quando esse paiz estiver compromettido em uma guerra, impor-se-á a mesma medida que Joffre viu-se obrigado a tomar.

Quem lê estas linhas do eminent general fica a pensar que ellas fazem parte de um tratado de psichologia militar... do Brazil. Nem de encommenda, com muitos annos de permanencia entre nós, o general Korner conseguiria escrever palavras mais fielmente justas sobre as nossas coisas. Para corroborar a justeza dos conceitos emitidos pelo general Korner, se isto fosse preciso, um turbilhão de factos estariam á mão para serem citados. E se algum engano esse general commetteu na apreciação, quanto á parte que nos toca, só pôde ser levado em conta de benevolencia excessiva. Sim, é excesso de benevolencia dizer que num caso de guerra nós nos veríamos em condições semelhantes ás da França, impondo-se então a mesma medida que Joffre se viu obrigado a tomar.

Isto ou é um louvor desmedido a nós, ou uma irreverencia á França.

Sim, todo o mundo sabe que é verdade que Joffre se viu forçado a despedir centenas de chefes por incompetentes e incapazes, não só antes como ainda depois da época em que Korner escreveu as palavras acima, mas o que é facto é que esse numero seria muito maior, escanda-

losamente maior, se na França se procedesse como aqui. Aqui o cancro está á mostra, conhece-se o remedio, mas falta a coragem de applicar o ferro em braza. Lá ha essa coragem, tanto na guerra como na paz.

Alguns annos antes da guerra a administração franceza se dispôz a tomar energicas providencias afim de expurgar o Exercito de chefes incapazes e incompetentes.

Não só nesse sentido vinha trabalhando o mechanismo adoptado para a formação de officiaes superiores, como tambem outros recursos de selecção eram autorisados e praticados com energia e firmeza.

Traduzamos para aqui algumas palavras que a respeito publicou *La vie militaire en France et a l'étranger* 1911-1912 :

«Em seguida ás manobras de 1911, o Ministro da Guerra lembrou aos generaes commandantes de corpos de exercito e aos membros do conselho superior de guerra a obrigação imperiosa de apontarem todos os officiaes physicamente incapazes de supportar as fadigas da guerra. A este respeito, o ministro chamou a attenção especialmente sobre os officiaes generaes. Estes, mais que todos os outros, terão com effeito, em caso de guerra, de fazer face a obrigações profissionaes physicas, intellectuaes e moraes que exigem que sejam affastados deliberadamente, desde o tempo de paz, todos os que não estejam em condições de poder despender essas energias.

Tambem uma lei de 16 de Fevereiro de 1912 determinou que os officiaes generaes e assimilados, tendo direitos adquiridos a uma pensão, podem ser reformados quer a pedido, quer ex-officio, não sómente por motivo de saude, como tambem por qualquer outra causa; esta reforma é declarada por decreto do Presidente da Republica, depois de exame e parecer de um conselho de saude ou em virtude de parecer do conselho superior de guerra, conforme o caso.

De uma maneira geral, a reforma ex-officio dos officiaes que não tem a instrucção militar, a energia ou a actividade necessaria ao desempenho da profissão, não pôde produzir senão os melhores resultados sob o ponto de vista do valor do commando, não deixando no exercito activo senão officiaes em plena posse de todas as aptidões necessarias.»

Se num Exercito com esta orientação profissional ainda houve necessidade, sentida pelo commandante em chefe, de despedir *commandantes* aos magotes, imagine-se o que se passaria entre nós em caso semelhante! Não, não se imagine... nem é bom pensar nisso.

Quanto ás promoções e seus processos como causa de indisciplina e de incompetencia, não ha duvida que o organizador do Exercito chileno está saturado de razão. Mas, entre nós, onde não se exige para o desempenho de nenhuma profissão a competencia profissional necessaria e se consente que legiões de moços bonitos explorem os cofres publicos fingindo que exercem uma profissão da qual elles não conhecem nem querem conhecer o *a b c*; entre nós, onde ha militares que pregam a necessidade de se distribuir ao soldado enxada ou arado em vez de carabina; que pregam o desarmamento e a entrega de trophéos de guerra; que ao assentar praça juraram defender uma patria grande e que depois de feitos (quanto aos proventos) levam a pregar o desmembramento, apregoando as vantagens das pequenas patrias; entre nós onde todas estas bellezas são toleradas, senão apreciadas, qual será o criterio mais adequado para as promoções?

Talvez seja mesmo o que temos seguido até aqui, porque é muito mais facil pedir, pedir, pedir, incomodar a Deus e ao mundo, do que maltratar o corpo e o espirito com as semsaborias da profissão.

Muitos ficarão zangados com a carapuça, mas isto só se dará com os adeptos da promoção por *merecimento de mendicidade*. Esses são exactamente os incapazes de adquirirem merecimento digno deste nome.

Agora, os que pensam de outro modo e querem que o Exercito se colloque á altura de sua missão, esses desejam ardenteamente a selecção pelo *merecimento profissional* provado na prática real da profissão, e desejam, portanto, que o Exercito seja dotado de recursos para esse profissionamento e das instituições necessarias: escolas práticas— de tiro, de cavallaria e de **aplicação para officiaes superiores**.

Precisamos sahir da situação em que estamos. E' preciso reagir. As agruras da lide enrijam o caracter e a sublimidade da causa enobrece a alma. Que os espinhos da estrada nos sirvam de incitamento.

Brazilio Taborda

CARTA ABERTA

Exmo. Sr. Senador Marechal Pires Ferreira,

Permita V. Excia. que o mais obscuro dos officiaes recem-incluidos na tropa venha trazer-vos a manifestação sincera de seu aplauso pelas judiciosas emendas por V. Excia. apresentadas ao orçamento da Guerra.

Dentre elles duas se destacam pela palpítante oportunidade de fazer de vez sanar o maior mal de que se resente actualmente a tropa: *a falta de effectivos*.

Refiro-me aos artigos 11 e 12 que são assin redigidos :

«Art. 11 — As praças de pret não podem ser empregadas antes de terem passado, em efectiva instrução, duas terças partes do tempo a que são obrigadas a servir.»

«Art. 12 — O tempo de intersticio exigido para a promoção dos officiaes do Exercito activo deve ser passado em efectivo serviço arregimentado em corpo de tropa da respectiva arma.»

Preceitos tão salutares foram no entanto encimados pelos dizeres:

«Emendas a que a commissão não dá o seu assentimento.» (Comissão de Finanças. Parecer 251-1915.)

Por certo os illustres membros da Comissão de Finanças assim procederam por terem dado parecer englobadamente a todas as emendas, algumas das quaes talvez acarretassem *onus* para a nação; ou mesmo, quem sabe, ignoraram elles o estado actual da nossa tropa? Para esclarecer a nossa critica situação e provar-lhes a necessidade inadiável de fazer com que os officiaes e praças que se acham divorciados da tropa a ella regressem, podemos relatar-lhes uma infinidade de casos que se repetem quotidianamente, e que mais parecem anecdotas.

Citemos um para exemplo: O capitão B., ha dias, numa roda de officiaes, contou que, quando commandante de uma fortaleza num dos Estados do Sul, recebeu de General Inspector da Região a seguinte ordem escripta em papel timbrado:

«Deve ir ahi assentar praça o cidadão que na mesma data passará a empregado neste Quartel General, para o qual deve vir na primeira condução.»

Dias depois lá apparece o impagável voluntario que, antes mesmo de jurar bandeira, já arranjára a sua cancha. Segue apresentar-se a seu emprego, sem que ne-

ao menos tivesse tido a oportunidade de aprender a fazer continencia.

Não se supponha que mais uma vez tenha sido posto de lado o "Regulamento para Instrução e Serviço Interno dos Corpos". E' bem verdade que lá existem os seguintes artigos:

«Devendo ser a instrução objecto de constante solicitude dos officiaes e inferiores, preferirá sempre que fôr possível qualquer outro serviço.» (Art. 26)

«Para não lhe prejudicar a marcha continua e gradativa, é absolutamente proibido afastar as praças dos exercícios.» (Art. 27)

«Só por motivos imprescindíveis serão escalados para serviço de duração superior a vinte e quatro horas, soldados promptos, que não tenham completado o primeiro anno de praça.» (Art. 62)

Mas, como se vê, nada disto diz respeito ao nosso *soldado sui generis*, tanto mais quanto elle nem chegou a ser . . . prompto. Não ficou porém ahi este interessante caso.

Tempos depois, o Capitão B. recebe um officio do Sr. General Inspector reclamando contra o facto de não ter sido pago, na época regulamentar, o fardamento ao seu esforçado auxiliar. Em resposta informa o Capitão que não fizera o pedido para evitar despesas com o transporte desde a séde do Quartel General até a fortaleza (que ficavam em Estados diferentes) e desta ultima novamente áquelle quartel, no que estava de acordo com um anterior aviso que determinava que estando uma praça em guarnição diversa da sua, em serviço de carácter permanente, ahi deve ficar addida a um corpo para os efeitos de pagamento de vencimentos e fardamento.

Vê-se pois claramente que não era o serviço do Quartel-General que se ressentia da falta de um empregado, pois si assim fosse, este seria tirado de um dos corpos da propria localidade, e sim a autoridade que necessitava de dar emprego, com passagem gratis, a um seu protegido que dois annos depois podia receber a caderneta de reservista do Exercito, sem que tivesse passado a prompto da instrução, pois que nem ao exame de recrutas podia comparecer.

Deve ser presentemente enorme esta classe de *reservistas*, pois que constantemente em officios dirigidos aos commandantes de corpos pedem-se praças para esta ou aquella repartição e, annexo, segue o infallivel *papagaio* com o nome do protegido que se quer empregar, satisfaça ou não ás exigencias regulamentares.

Não pensem, porém, que factos desta monta sómente se passam nas guarnições do extremo norte e sul do paiz.

Ouçamos o Aspirante A. ao regressar das baías e parque de sua bateria, por occasião de uma promptidão. «Deixei, diz elle, os animaes encilhados, mas não ha conductores em numero sufficiente para montal-os; e nada adiantou ter substituido os percutores das peças, pois não ha artilheiros em numero sufficiente para guarnecelas. Mostra pezaro a escala de sua bateria, a qual accusa um efectivo de 65 praças, das quaes, excluindo os inferiores, graduados e empregados, restavam apenas 18 praças promptas.

Com tal efectivo não era possivel movimentar nem uma simples secção (duas peças). Vejamos mathematicamente a que resultado chegaria o Capitão se fosse obrigado a sahir com tal bateria. Tirando uma terça parte para constituir as guarnições, ficaria cada peça, além do graduado, com 1 1/2 serventes; e fazendo dos dois terços restantes conductores para as 4 peças com os respectivos carros de munição, caberia 1/2 conductor para cada parelha ou seja um homem para conduzir quatro animaes. E' bem triste e cruel esta verdade.

Quanto aos officiaes, o absurdo ainda cresce de proporção, pois que generaes e coroneis ha, em não pequeno numero, que nunca exerceram commando. Alguns delles, desde que sahiram da Escola Militar, jamais entraram num quartel! Conta o General D. que, quando completaram 25 annos de formados, elle e seus collegas de turma resolveram tirar um retrato em grupo; por essa occasião um seu velho camarada foi pedir-lhe um fardamento emprestado, porque, segundo elle mesmo dizia, desde alferes-alumno, não mais mandára fazer uniformes.

Volte pois V. Ex. á carga na proxima sessão legislativa e renove em projecto separado as emendas 11 e 12 que tão malfadada sina tiveram no anno findo.

Talvez agora sejam mais felizes.

Palmas aos que como V. Ex. trabalharem para que tenhamos um Exercito na altura de sua missão.

As gerações futuras cobrirão de bençãos os que lhes legarem uma nação grande e bem defendida.

De V. Ex. subscrevo-me sub.^o e adm^r.

Aspirante José Faustino Filho.

Organisações dos Arsenaes e Fabricas Militares

DIRECÇÃO

Desde tempos immemoriaes a Direcção das nossas Fabricas Militares tem sido, com pequenas alterações, identica á de um estado-maior de Regimento : Director (Commandante), Sub-director (Fiscal) e Ajudante.

E' absurda tal Direcção porque o unico ponto de contacto que ha entre um estabelecimento fabril militar e um corpo de tropa é o de pertencerem ambos ao Exercito...

E' absurda porque decorre de uma organisação absurda, em que a parte fabril, essencialmente technica, que constitue a unica razão de ser de uma fabrica, ou é relegada para segundo plano, ou é, na maioria dos casos, amalgamada com a parte puramente administrativa, dando-lhe aspecto mais burocratico que fabril.

E' absurda porque, como se vê, o typo para uma tal organisação parece ter sido o *Batalhão*, bizarramente irmanado com a *Repartição Publica*, quando o typo deveria ser o da *Usina* por mais paisana que fosse.

Temos excepções que convem registrar : Fabrica de polvora de Piquete (Regulamento de 1910) e Fabrica de Cartuchos (Regulamento de 1898 e 1911).

Só em 1914, porem, tivemos uma organisação se não perfeita, pelo menos mais compativel com um estabelecimento fabril — a da Fabrica de Cartuchos do Realengo. Apparece ahi pela primeira vez a separação nítida dos serviços technicos dos que não o são. Cada ramo de serviço tem o seu funcionamento tão bem regulado quanto possível. A divisão do trabalho, que começa desde a Direcção, mereceu na actual organisação da F. C. cuidados especiaes.

Na qualidade de Engenheiro-Chefe contractado, collaborou nessa organisação um profissional estrangeiro de reputação formada na Suissa e na Alemanha — o Sr. von Steiger. (1)

(1) Hans von Steiger, engenheiro civil, Major da reserva do Exercito Suisso, ex-chefe da secção do fabrico de munições de infantaria da "Deutsche Waffen -und Munitionsfabriken" (Alemanha), logar que deixou por ter sido contractado para o Brazil. Devemos esse contrato aos Srs. Coronel Annibal Villanova e 1º Tenente Genserico de Vasconcellos.

Para a Direcção da Fabrica, o Sr. von Steiger sustentou o principio de trez direcções ou trez chefias, de accôrdo com as organisações da maioria dos estabelecimentos fabris :

- a) direcção geral, direcção da Fabrica ou direcção do Governo;
- b) direcção ou chefia dos serviços technicos;
- c) direcção ou chefia dos serviços não technicos.

Approvado o principio, surgiu a dificuldade da escolha dos titulos.

Apresentada por um membro da commissão, mas lembrada pelo Sr. Francisco Seidl, Secretario da Fabrica, foi aceita a indicação dessas denominações :

- a) Director-geral;
- b) Director-technico;
- c) Director-administrativo.

Esses titulos, logicamente empregados, sofreram criticas de todos os tamanhos e feitos, dirigidas por gregos e troyanos, com pretexto e sem pretexto, umas mais ou menos sensatas, outras mais ou menos imbecis.

A titulo de curiosidade vamos citar duas criticas das *mais importantes* de que tivemos noticia.

Primeira — "O nosso meio não está preparado para uma organisação tão luxuosa... Nós somos brazileiros! O Director, o Chefe de qualquer estabelecimento ou repartição, civil ou militar, technico ou burocratico, aqui no Rio, ou em Macacú do Quebra-Cangalhas, considera-se (excepção á parte) o **dono d'aquillo**, e assim sendo não admite, não supporta, não tolera outros *donos*.

Emfim, nós somos brazileiros, e deixemos de innovações."

Segunda — "Tres directores pr'uma fabrica tão pequena, é directo pr'a burro!..."

E essas criticas (!) tiveram influencia na approvação do Regulamento de 1914: o "Director-administrativo" passou a "Fiscal".

Não interpretaram o espirito do legislador, como se diz nas camaras... *Fiscal* de que? da Fabrica? não podia ser porque havendo um Director technico este seria o fiscal dos serviços technicos. Fiscal dos serviços administrativos? mas isso exigiria ainda o "Director administrativo", e tambem outro fiscal para a technica.

Não merecendo approvação o titulo de

Director-administrativo, não poderia permanecer o de Director-technico.

Sendo completamente desiguais os serviços, os cargos dos chefes respectivos são, entretanto, iguaes, symmetricos, harmonicos; ambos deverão ter as mesmas regalias porque têm responsabilidades paralellas; se um é Director, o outro não pôde ser Fiscal.

Emfim, a idéa a pregar seria esta: Os estabelecimentos fabris militares terão uma primeira grande divisão — *serviços technicos e serviços administrativos*; os primeiros comprehendendo toda a fabricação, producção e *contrôle*; os segundos todos os serviços de transporte, de armazens, de fornecimento, de aprovisionamento, em resumo — todos os serviços não comprehendidos nos primeiros.

Os serviços technicos, a parte technica, a divisão technica, a secção technica, ou que outro nome possa ter, desde que o título de direcção está tão amaldiçoado, teriam como chefe um profissional, militar ou civil, brazileiro ou estrangeiro, mas... um profissional.

Os serviços administrativos, (parte, divisão, secção, etc., menos direcção) seriam chefiados por um official cuja patente estivesse de acordo com a categoria do estabelecimento, portanto, de segundo Tenente a Coronel.

A Fabrica de Cartuchos, no seu inicio, tinha approximadamente a organisação de que tratamos.

Um Director e dois chefes de secção (Tenentes); a 1^a secção era a de fabricação, a 2^a de administração (Regulamento de 1898). Quer isso mostrar que tal organisação é compativel com qualquer Arsenal ou Fabrica por menor que seja.

Os dois chefes, technico e administrativo, embora tenham de agir harmonicamente, porque ha peças de suas machinias que se entrósam, serão independentes, sem subordinação, sem hierarchia entre um e outro, excepção, já se vê, do caso de serem ambos militares, e ainda assim a excepção só diz respeito á disciplina e subordinação *militares*, nunca, porém, aos serviços do estabelecimento.

Aclaremos o assumpto. O chefe dos serviços technicos não pôde dar ordens ao seu collega dos serviços administrativos, e vice versa, muito embora, militarmente um d'elles seja superior do outro.

A entidade que expede ordens, que se

communica com o exterior do estabelecimento, que é o dirigente official, responsável geral pela technica e pela administração, é o *Director-geral*, ou simplesmente o *Director*.

Certo, um tal director precisará ser escolhido de maneira a satisfazer á dupla condição de: 1º ser um administrador conhecido e reconhecido; 2º ter conhecimentos, embora geraes, da technica do estabelecimento a dirigir.

Recapitulando: Direcção-geral — Direcção-technica e Direcção-administrativa.

Essas idéas são de todos nós os que nos dedicamos a essas frioleiras de industria militar e de defesa nacional.

Repisaremos o assumpto quando tratarmos dos **Chefes de Grupos**, no proximo numero.

1º Tenente *Freire de Vasconcellos*.

Um novo Regulamento

“Já deve estar em mãos do Snr. Ministro, dependendo de aprovação, o projecto de um novo *Regulamento para Instrução e Serviço Interno dos Corpos*.

Se o velho *Regulamento* foi apenas revisto, ou se foi refundido, o futuro o dirá.

Por enquanto, convém apenas estudar certos dispositivos que hão de ser recebidos a contra gosto, se forem adoptados.

Comecemos pelas substituições nos commandos.

O caso normal no Brazil é o dos commandantes substitutos e esse estado de cousas não tende a se normalizar na vigencia do regulamento que vae ser decretado.

E' natural que as substituições se dêm sem attrictos e sem soluções de continuidade; d'ahi, o ser necessario realizas sempre dentro da menor unidade em que sejam possiveis.

Os officiaes de um batalhão num regimento conhecem muito pouco da vida intima dos dois outros batalhões; o subalterno de uma companhia não sabe os detalhes da administração das outras companhias.

E quando qualquer um de nós sae da sua unidade para administrar outra, ou dá por paus e por pedras, ou *come pelas mãos dos outros...*

Falo por uma longa prática adquirida no serviço, de sul a norte.

Actualmente, as substituições fazem-se dentro do batalhão, mas seria de lastimar passal-as para o âmbito do regimento.

A melhor doutrina é a do regulamento interno que foi revogado no fim de dois dias de experiência: é a substituição, a partir da companhia, dentro da própria unidade.

Todos os officiaes ouvidos a respeito pensam assim.

A prevalecer o criterio proposto, deveríamos estender, logicamente, as substituições ao seio da brigada, que é a maior unidade da arma!

Mas, e a doutrina allemã? A doutrina allemã? A doutrina allemã não é esta. Lá, o caso normal é o do oficial á testa de sua unidade e alem disso não ha substituições — ha accumulações.

As escolas regimentaes passarão a funcionar de noite? E será possível que o tenente professor attenda á instrucção de madrugada, ao meio dia, á tarde e ainda vá leccionar á noite?

Qual o tempo disponivel para o pre-
paro das lições, mesmo supondo que o
tenente tenha creados para tudo e não
perca um só minuto com os seus interes-
ses particulares? Quaes as horas de es-
tudo para as praças?

De resto, fica ao cuidado de qualquer
pessoa ligeiramente entendida em pedago-
gia responder se um só individuo, em
duas horas, pôde leccionar a muitas dezenas
de analphabetos, principiantes e alunos
adeantados.

A melhor solução era confiar cada
materia a um professor especializado, den-
tro do tempo de aula, de dia, no inter-
vallo da instrucção.

Por outro lado, resta saber si os officiaes,
principalmente os commandantes, continuam com a prerrogativa de dispensar
as praças da instrucção. O tempo arbitrado
ao cidadão para se preparar no manejo
das armas é já um *minimum*: como redu-
zil-o mais, em satisfação dos caprichos
deste ou daquelle? Aliás, outras considera-
ções intervêm ahi. Arbitrada em 12 se-
manas, findas as quaes vem o exame, a
preparação do recruta europeu, pôde essa
preparação para o recruta brasileiro ser
feita dentro do mesmo prazo?

E' absurdo. O recruta europeu só
faz exercícios e já vem preparado pela

escola primaria; o recruta brasileiro con-
corre sempre ao serviço, seja qual for
pretexto, e só recebe, por consequencia
instrucção em semanas alternadas; é em
geral analphabeto e, quando por acaso
frequenta a escola primaria, ouve sempre
falar dos exercícios militares como cousas
desnecessarias.

Modelar com perfeição um material in-
formé, na metade do tempo em que outros
apenas completam a obra que lhes vem ás
mãos quasi prompta, é tarefa superior ás
nossas forças.

Já se vê que se impõe a dilatação dos
prazos marcados, com a proibição ex-
pressa de dispensas graciosas ou abolição
do chamado serviço externo.

Essas cousas vão entrando de ta-
maneira pelos olhos de todos, que, em
quasi todas as companhias do meu regi-
mento, os capitães, para resalva de suas
responsabilidades, estão organizando map-
pas rigorosos de frequencia das praças
instrucção.

Foi attendendo ás correntes geraes na
tropa que alguém fez chegar até a com-
issão que esteve revendo o R. I. S. I.
idéa de uma escala de instrucção, con-
precedencia sobre o serviço, idéa nã
aceita.

Os capitães não darão mais serviço
de escala, exceptuados os conselhos da
guerra, sobre os quaes ainda qualquer com-
issão não foi chamada a legislar, de al-
guns annos a esta parte. O capitão passa
a ser exclusivamente o director da instru-
ção da companhia. Falemos a paisanos...
Todos sabemos como a cousa é e se-
feita. O homem honesto que é o meu com-
mandante de companhia está commigo. Os
tenentes têm o trabalho mais pesado
mais intenso. Os capitães velam pela ins-
trucção; os tenentes são os monitores das
praças. Devem estar tres vezes por dia
à frente da tropa — a primeira vez ainda
com noite. Compartilham da administração
das companhias e mais cousas que se in-
ventem. Preparam as praças para os ex-
ames de recrutas, para o exame de com-
panhia, formam quando o capitão forma
ainda quando o capitão não forma.

Os tenentes escrevem termos nas com-
issões de exames; nos inqueritos e con-
selhos de investigação, servem de escovas,
dão dia aos corpos, dia á divisões, ronda-
s, patrulhas, guardas, conselhos de guerra, etc.

Haverá quem possa ser tenente arregimentado se ainda os capitães sahirem das escalas de dia aos corpos, de superior de dia, etc.?

E' um caso de consciencia...

Não sei se essas cousas figuram de facto no projecto da Comissão revisora, mas se figuram, virão perturbar a nossa já precaria vida arregimentada.

Algumas, como as substituições, applicaveis na paz, são irrealizaveis no decorrer dos combates — salvo se os commandos de facto hão de tocar a uns, e os celebres elogios de "bravura e sangue frio" de direito caberão a outros, por serem mais antigos...

Não seria melhor que as alterações dos regulamentos fossem apparecendo por partes e de accordo com as necessidades?

1º tenente F. Paula Cidade.

Recrutamento de Sargentos

Caminhamos, felizmente, a largos passos para o exercito nacional, em vez do profissional.

O sorteio em breve resloverá o problema do soldado.

Precisamos cuidar do dos sargentos e cabos, pois o dos officiaes, embora não satisfatoriamente, se acha já solvido.

Até agora a unica restricção para a promoção dos sargentos é o concurso.

Isto não basta.

E' necessário cogitar-se da idade, de recrutal-os entre os que vierem ás fileiras por tendencia natural para a vida das armas e de fixal-os á tropa por tempo que compense apenas o despendido no seu preparo.

A idade de 35 annos, estabelecida como limite maximo no art. 73 do regulamento de 8 de Maio de 1908, deve ser tomada como de transição, para aquella época, como a de 30 para o serviço na 1ª linha deve ser para a incorporação das reservas, na mobilisaçāo.

Para a incorporação para o serviço activo, na paz, o limite deve ser o estabelecido no § 1º do art. 21, para a incorporação obrigatoria, isto é, 23 annos.

Alem dessa idade o voluntariado que aparece é, em geral, composto de decahidos nas profissões civis, que difficultam a instrucção e vêm tomar nas fileiras o lugar de bons elementos.

Depois dos 25 annos, na paz, não se deve manter nas fileiras praça alguma voluntaria ou engajada.

Baseamos esse limite nas necessidades do desenvolvimento do nosso paiz, onde se dispende não pouco para aquisição de braços estrangeiros, e na média de vida nas classes pobres, de onde nos vêm e nos virá, mesmo com o sorteio, a maioria dos soldados, afim de deixar tempo aos individuos para constituirem familia e educarem os filhos, diminuindo o *pauperismo*.

Para os sargentos e cabos, que demandam algum preparo prévio, o recrutamento será feito por concurso annual entre as praças até 20 annos, dilatando-se o tempo de serviço até 25 annos por occasião da promoção.

Consequentemente, esse pessoal será tirado entre os voluntarios que vierem ás fileiras moços e, portanto, por vocação; será elevado o nível do voluntariado, haverá constantemente vagas para os novos voluntarios, será constituida tambem a reserva desse pessoal, tão necessaria como a de praças e não se poderá perder no fim de mezes o cabo ou sargento feito durante mais de um anno de preparo, como no regimen dos engajamentos.

Apenas, depois de dois annos de posto será permitida a esses homens a inscripção nos concursos para os cargos civis, dando-se-lhes baixa logo que obtenham a nomeação.

Os musicos e corneteiros serão tratados da mesma forma.

Com essas providencias o numero de asylados diminuirá consideravelmente, e não mais haverá reformas de praças de *pret* em tempo de paz, sem deixarmos de ter nas fileiras pessoal habilitado para o serviço.

1º Tenente João Marcellino.

Questões á margem Das «Cartas» de Griepenkerl (Continuação)

XLVI. Croquis e esboço.

Decima terceira carta, pagina 211, linha primeira: "O thema pedia ainda um croquis do ataque..."

Diz o Regulamento do serviço de campanha allemão, em seu § 74:

O esboço (*skizze*) serve para esclarecer o texto e pode substituir uma descrição circumstanciada:

elle deve exprimir o essencial na forma a mais simples, com clareza e nitidez.

Os signaes cartographicos dispensaveis pôdem ser supprimidos. Nem sempre é necessario observar escala. Distancias e dimensões importantes — por exemplo, a largura de um curso d'água em determinado lugar — devem ser inscriptas em numeros. Indicações lançadas no proprio desenho dispensam explicações especiaes. Muitas vezes tem valor os esboços perspectivos.

O *croquis* (kroki) é uma representação mais cartologica e pôde completar a carta, seja como resultado de explorações, seja como projecto para fortificações de campanha.

No *annexo* do mesmo regulamento, sob o titulo "Preparo dos esboços, croquis e esboços perspectivos", encontra-se:

Fidelidade, clareza dos traços, legibilidade mesmo á luz deficiente e a nitida accentuação do que é essencial são as primeiras condições a que deve obedecer todo o desenho militar.

Esboço

Sendo o tempo curto, devem bastar alguns traços de lapis para representar a localidade e registrar as tropas.

Em geral o desenho é feito simplesmente com as medidas a olho.

Havendo tempo bastante, mas não podendo o desenhista tirar de uma carta a base do seu trabalho, elle fixa algumas direcções principaes do terreno visando por sobre o proprio desenho, de preferencia num garfo de estradas.

Entre essas linhas elle representa os accidentes do terreno. As distancias são estimadas, se necessário, percorrendo-as a pé ou a cavallo. São para desejar as indicações de alturas. As fórmas do terreno pôdem ser indicadas por *hachuras* ou por *esbatido*.

Croquis

No preparo de um *croquis* extrae-se da carta, de preferencia por meio de papel quadriculado, o esqueleto do pedaço a desenhar, augmentando convenientemente a escala; começa-se pelas estradas, depois desenham-se cursos d'água, as povoações, as varzeas, mattas, etc.

Sobre a planta indicam-se as fórmas do terreno. Indicam-se primeiramente as linhas dos cumes e as das baixadas e em seguida os relevos por meio de *hachuras* (traços finos, médios ou fortes para indicar declives carroçaveis, praticaveis a pé ou ingremes).

O relevo representa-se mais plasticamente pelo esbatido.

No *croquis* representam-se claramente as tropas com as còres de seus partidos, e se designam brevidiadamente.

Esboço perspectivo

Divide-se o terreno a representar, esboça-se essa divisão no desenho e lançam-se nesse esqueleto os pontos e linhas principaes da paysagem, com lapis leve e escuro.

Primeiramente representa-se o fundo da paysagem, depois com traços mais fortes o primeiro plano, deixando todo detalhe superfluo. Deve-se indicar o ponto de onde, e a direcção em que é levantado o esboço. Os nomes das povoações

escrevem-se acima ou abaixo do desenho; indicam-se as tropas e designam-se brevidiadamente.

XLVII. Consultas sobre o combate.

Para que se possa no estudo das "cartas" de Griepenkerl utilizar o R. E. I. brazileiro, especialmente nos pontos em que são citados §§ do R. E. I. allemão, damos a seguir os numeros inicial e final de cada capitulo nesses dois R., o que ha de bastar para se acertar com o numero do R. brazileiro correspondente ao R. allemão.

Capitulos	R. Allemão	R. Brazileiro
Introdução.....	250-271	275-298
Commando.....	305	332
Aproveitamento do terreno.....	309	337
Emprego da f. de sapa.....	314	342
Marcha para o combate.....	323	351
O ataque	351	382
Combate de encontro	361	392
Ataque a inimigo desenvolvido.....	374	405
Ataque a posição fortificada.....	391	425
Envolvimento	396	430
A defesa.....	416	451
Combate para ganhar tempo.....	420	455
Perseguição.....	425	460
Retirada. Interrupção do combate.....	433	468
C. de povoação e de bosque.....	442	477
A infantaria e as outras armas.....	453	488
C. das diferentes armas	456	491
C. da companhia.....	465	500
C. do batalhão.....	469	504
C. do regimento.....	—	506
C. da brigada de infantaria /	473	508
Acção da inf. no c. das gr. unidades.....	475	510
Considerações finais.....	477	512

XLVIII. Emprego das metralhadoras.

Decima quarta carta, 1^a pagina (217). ultimo §: "Os principios para o emprego do grupo de metralhadoras estão consignados no R. E. Metr. de 1904".

Encontra-se nesse R., no capitulo "Principios geraes":

223. As metralhadoras habilitam o commando a desenvolver em certos pontos a maxima intensidade de fogo de fuzil, em espaço minimo.

As metralhadoras podem ser empregadas em todo terreno praticavel á infantaria e devem saber vencer mesmo obstaculos consideraveis.

No combate elles não apresentam maior alvo do que, em iguaes circumstancias, os atiradores e em sua potencia de combate são muito mais resistentes ás perdas do que a infantaria.

Nos movimentos no campo de combate, os quaes, logo que seja de esperar fogo inimigo, são feitos arrastando ou carregando as metralhadoras, podem-se aproveitar todas as coberturas utilisaiveis pela infantaria.

Coberturas cujo espaço mal chegue para um pelotão de infantaria, pôdem abrigar todo um grupo de metralhadoras.

A natureza da construcção das viaturas que transportam as armas, a munição e os serventes e a capacidade das atrelagens habilitam os grupos de metralhadoras ao mesmo rendimento de marcha das armas montadas.

224. O alcance e o efeito do projectil da metralhadora são os do fusil de infantaria.

A rapida successão dos disparos e a grande cohesão das trajectórias, bem como a possibilidade de reunir diversas metralhadoras em espaço restrito, pôem o grupo de metralhadoras em condições de alcançar em certos pontos rapidamente um efeito decisivo e, mesmo a grande distância, anniquilar em curto tempo objectivos grandes e densos.

As metralhadoras são pouco aptas a travar combates de fogo prolongado e protelatórios.

225. Em geral evitar-se-á o combate contra linhas de atiradores bem cobertos, pois exige grande consumo de munição, desproporcional ao resultado obtido.

Por isso é admissível em caso de combate prolongado retirar provisoriamente as metralhadoras da posição de fogo, afim de conservar sua potencia para momentos decisivos.

226. Tanto não corresponde á natureza da arma o combate contra metralhadoras, que são um objectivo difficult de atingir. Elle caberá, em geral, com mais vantagens ás outras armas; si contudo fôr necessário esse emprego, deverá preceder reconhecimento especialmente cuidadoso da posição inimiga.

227. Aos ataques de cavallaria as metralhadoras podem responder tranquillamente a todo o momento e em qualquer situação. Para os repelir, presta-se qualquer formação que permitta oppôr á cavallaria um fogo em massa, calmamente disparado e bem apontado.

Prestar especial atenção ás linhas seguintes do atacante, aos proprios flancos e á guarda das viaturas. (*)

Os grupos de metralhadoras são capazes de avançar em terreno descoberto, não obstante a cavallaria, desde que esta não tenha tal superioridade que possa atacar simultaneamente por diversos lados e em varios escalões.

228. No combate contra artilharia attender-se-á a que é inherente a essa arma a superioridade do fogo a grandes distâncias. E' preciso pois, dando-se o caso, leval-as á maior proximidade. Aproveitar a grande mobilidade para realizar o ataque de flanco, que aumenta consideravelmente a efficacia. E' inconveniente disseminar o fogo de todas as metralhadoras sobre toda a frente de uma bateria em acção.

229. Os grupos de metralhadoras empregam-se, em geral, individidos; para fins especiais poderão ser destacadas secções independentes. E' proibido o emprego da metralhadora isolada...

331. Nunca as metralhadoras poderão substituir artilharia.

Sua efficacia principal será sempre onde possam ser utilizadas plenamente sua grande potencia de fogo, sua mobilidade e a aptidão de occultar-se no terreno.

232. Para o emprego acertado das metralhadoras é mistér pleno conhecimento da situação

geral, das instruções do commando e do estado do combate.

Convém acrescentar a esses "princípios geraes", que continuam em pleno vigor, as seguintes disposições novas. Veremos ahi a diferença moderna entre grupo de metralhadoras e companhia de metralhadoras, que não existia ao tempo em que Griepenkerl escreveu as "Cartas", bem assim alguns detalhes decorrentes da nova organisação que, já antes da guerra actual, previra uma companhia de metralhadoras para cada regimento.

Extrahimos do "Guia para o ensino da tactica":

440. As metralhadoras adquiriram modernamente uma importancia extraordinaria.

Elas são capazes de desenvolver a maxima potencia de fogo num espaço estreito e em tempo minimo e de produzir em determinados pontos, rapidamente, efeito decisivo.

O emprego dos grupos de metralhadoras e das companhias differe, de accôrdo com seu fim e organisação.

Os grupos de metralhadoras têm maior mobilidade (viaturas a duas parelhas, serventes montados nas viaturas) e pôdem acompanhar a cavallaria quasi em todo terreno. Destinam-se principalmente ao emprego em ligação com a cavallaria, á qual levam considerável augmento da potencia de fogo. Em cooperação com a artilharia a cavalo ou com o fusil da cavallaria, elles contribuem altamente para a aptidão da cavallaria em combater sem infantaria, seja no ataque, seja na defesa, para deter o inimigo, mascarar, barrar, segurar pontos importantes ou abrir o caminho para o esclarecimento.

As companhias de metralhadoras têm menor mobilidade (viaturas a uma parelha, guiadas da boléa, serventes a pé, podendo montar em parte; neste caso pôde-se trotar, seguindo os outros serventes a pé). Ellas pertencem directamente á infantaria.

463. (Capítulo: Ataque a um inimigo desenvolvido para a defesa). As companhias de metralhadoras, pôdem os commandantes de R. I. conservar-as inteiras ou em parte á sua disposição, ou attribuir-las aos batalhões. As metralhadoras devem cooperar, na medida de suas forças, em levar avante o ataque, abatendo o inimigo pelo seu fogo. E', porém, necessário não empenhal-las cedo demais, fazel-o em occasião favorável. Mesmo attendendo ao consumo de munição, elles só devem entrar em acção á distancia do fogo effícaz e contra objectivos de importancia tactica.

Seu fim é obter grande efficacia do fogo em tempo curto, aproveitando a rapidez do fogo e empenhando sufficiente munição. Por isso muitas vezes o seu emprego tem cabimento apenas em tempos curtos (apoiar pelo fogo os lances da infantaria amiga, bater os da inimiga).

Em regra as metralhadoras ficam primeiramente em promptidão. Ellas avançam ao mesmo tempo que as linhas de atiradores ou só sob o apoio do fogo destas.

464. Fim. As metralhadoras pôdem effectivamente acompanhar o avanço por lances, porém, é

(*) Ou dos cargueiros.

inexequivel esse processo applicado longamente, com os lances succedendo-se rapidos. Procurar-se-á levar avante as metralhadoras, desenfiando-as á vista, mesmo que seja preciso caminho mais longo.

475 fim. (Capítulo: Combate de encontro). As metralhadoras proporcionam consideravel auxilio em todas as missões da vanguarda.

489 (Capítulo: A defesa). Preparam-se trincheiras para as metralhadoras nos diversos pontos da posição em que possa vir a ser necessário o seu emprego.

Em virtude do pouco espaço que elles exigem, são especialmente aptas para bater de frente e de flanco linhas importantes e reforçar com presteza e energia o fogo da infantaria em pontos ameaçados.

496..... Conforme as circumstancias, as metralhadoras podem logo ocupar sua posição de combate ou ficar primeiramente afastadas e só se empenhar á medida das necessidades.....

507. (Capítulo: Perseguição).... As metralhadoras avançam á pressa para a posição conquistada e participam no fogo de perseguição; em caso de um contra-ataque inimigo elles constituem um forte apoio á infantaria, que então estará soffrendo a crise da mistura das unidades.

Principalmente, porém, pelas alas avança a cavallaria de exercito com artilharia a cavallo e metralhadoras, em direcção parallela á da retida inimiga, atacando de flanco afim de fazer parar o inimigo que foge, ou cortando-o; para isso atravessa-se adiante da testa da columna em marcha retrograda e a detém em posição favorável até que seja alcançada pela infantaria e artilharia montada.

(Continúa)

Considerações artilheiristicas

Traduzido da M. W. Blatt
pelo capitão Parga Rodrigues.

(Continuação)

De novo dirigindo-me aos artilheiros, desejo ainda referir-me a uma tendencia que ultimamente se tem tornado notavel. «Ouve-se com frequencia crescente o conselho de não accionar inconsideradamente, ao mesmo tempo, todas as baterias disponíveis». E' como se a precedencia na entrada em acção houvesse perdido sua significação, não obstante a necessidade cada vez mais accentuada de proceder cautelosamente. A noção de reserva de artilharia festeja ultimamente a sua resurreição na circulação das cousas. Isto, porem, prova unica e justamente que as opiniões cada vez mais predominantes são baseadas em uma curta phase da realidade da guerra, as quaes interpretam, de passagem, isto e aquillo como acertado. No *Vierteljahrshefte*

für Truppen-führung und Heereskunde (1) encontram-se, segundo a tactica de artilharia corrente na Russia, as seguintes expressões: «Uma parte das baterias, por occasião do ataque, junta-se aos grupamentos de combate, uma segunda fica como reserva geral, uma terceira será conservada na mão do chefe das tropas... O fogo não será aberto antes da collocação de toda a artilharia dos grupamentos de combate em posição de espreita. Sómente nos combates de encontro pôde a artilharia da vanguarda atirar antes do desenvolvimento do grosso.»

O 1º Tenente Alois Vollgruber escreve sob a epigraphe «Número de peças e tactica de artilharia de reserva»: (2) «Conclue-se destas considerações que, em um grande combate, aparecerão as artilharias de reserva do commandante das tropas e do commandante da artilharia».

Mais adiante julga elle, em geral, conveniente a divisão das baterias em tres ordens; umas devem, directa ou indirectamente, apoiar a infantaria, outras espreitam uma zona de combate importante, que devem imediatamente poder bater com seus fogos e as terceiras esperam, talvez com os armões ainda engatados, afim de poderem desempenhar missões imprevistas. A pergunta, qual o momento até quando se deve esperar para meter em acção a ultima peça, responde elle: «Quando começar o ataque decisivo.»

Em theoria parecem muito bôas as citadas declarações. Entretanto, melhor fazemos pensando, não em uma determinada situação de combate em que isto ou aquillo seria perfeitamente cabível, porem no combate como tal.

Que queremos nós na lucta, no combate, na batalha? Queremos ardentemente, com avidez e impaciencia, a victoria.

Quem mais calorosamente quizer, forças iguaes presupostas, será na realidade o mais forte. E' senhor da situação quem mais calorosamente quer e ataca depressa, utilizando-se de tudo, joga rapido na balança, espera menos, não contemporisa e, comtudo, não perde em irreflexões ou desordenadas fanfarronadas. Consideremos uma lucta cujo fim é vencer completamente o adversario.

Tudo que nessa lucta tem lugar, des-

(1) *Taktische Ansehaungen in russischen Heere*
Heft 1913.

(2) *Streifleur 1913; Novemberheft. 1854.*

de o começo do combate, não é um elo da cadeia dos acontecimentos de que nasce a decisão como necessaria consequencia? Dizer-se que a tal distancia começa o ataque decisivo, parece-nos, muitas vezes, arbitrario.

A constante repetição de que seja necessário deixar reservas de artilharia, pôde facilmente, de modo funesto, influenciar a iniciativa.

A declaração de que ha grande diferença entre o que diz respeito á antiga noção de artilharia de reserva e o comando hoje com frequencia recommendando quanto ao accionamento da artilharia, não pôde dissipar as considerações feitas. As reservas, por mais estranho que pareça, são um mal indispensavel. O sanguinolento combate de infantaria, longa e penosamente preparado, deve ser alimentado da profundidade. Fóra disto, porém, só devem ser constituídas reservas quando a isso se seja obrigado e não porque seja uso.

Ellas representam forças que prefiro logo empregar em combate. Figuremo-nos a extensão da frente de toda a forte artilharia em accão de uma divisão de infantaria.

Temos, mesmo collocando as baterias lado a lado, com pequenos intervallos, perto de dois kilometros. A zona de combate da nossa divisão de infantaria enquadrada, empenhada num combate decisivo com um adversario em igualdade de condições, seria raramente maior do que 4 kilometros.

Não devemos, *a priori*, aceitar como validos para nós os motivos que obrigaram os Japonezes a adoptarem frentes extraordinarias. No theatro da guerra macedonio, servio e albanez, o terreno montanhoso conduziu ao contrario frequentemente, por necessidade, a uma disseminação de forças, segundo a frente.

As más e tristes experiencias feitas pelos turcos, com grandes frentes de combate, nas campanhas thracias, são bastante conhecidas. Do exposto, assim, resultou «que em quasi toda a zona de combate de uma divisão de infantaria haverá artilharia e, por assim dizer, de modo nenhum restará muito espaço para ulteriores mudanças de posição.» Além disso, serão rarissimos os casos em que, luctando os corpos de exercito ligados, se torne necessaria a mudança da frente de combate.

Frequentemente, por esperar-se em socêgo, perde-se muita possibilidade de efficacia. Segundo meu modo de ver «sómente uma circumstancia existe que pôde justificar a retenção de algumas baterias: a falta de objectivos»; nem mesmo uma situação tactica ainda indefinida a justificará, pois, tão claro quanto desejo, jamais verei na frente do inimigo.

Não penso de bom grado nas eventualidades que produzem vacilações, mas procuro, antes de tudo, tornar-me mais forte do que o inimigo, ao começo do combate. Na lucta o que vale é encetar com energia. O impeto no desenvolvimento da força impõe a lei ao adversario.

Jamais, no combate de encontro, se defrontam dois adversarios igualmente decididos no ataque. Um dos dois e, effectivamente, o de menor força de vontade ou, realmente, o mais fraco, ficará na defensiva ao fim de pouco tempo.

Considero, por isso, a busca pressussora da vantagem inicial, que me faz parecer superior em força, e o decidido e energico lançamento dos meios de combate, com a entrada das baterias que, nem por isso, ficam despendidas, em principio, como muito mais conveniente do que o processo mais moroso e mais cauteloso que se esforça por sempre fazer o mais conveniente. A tactica de artilharia precisa, tambem, subordinar-se ao vigoroso espirito de offensiva que deve penetrar toda a nossa actividade guerreira e o nosso modo de agir. A tactica de ataque de artilharia deduz-se perfeitamente da comparação entre a natureza do combate de encontro e a lucta contra um adversario na defensiva.

Em combate de encontro nos temos que haver com um inimigo que, como nós, demonstra liberdade de querer e que absolutamente não se reconhece como o mais fraco.

As vantagens alcançadas no começo da lucta entre as tropas de segurança ou vanguardas não se fazem sómente sentir ás tropas que primeiro se chocaram. O inimigo, com o fim de restabelecer o equilibrio perdido, fará entrar em accão outros grupos e cedo cahirá em uma certa relação de dependencia. E quem cahir um pouco, facilmente será arrastado a situações ainda mais desfavoraveis.

As fortes vanguardas precisam ser dotadas de artilharia. A artilharia da vanguarda tem duas missões a cumprir:

1 — Apoiar a infantaria da vanguarda em chamar a si a iniciativa, com presteza, resoluta e energicamente, e

2 — Como entre logo em seguida em actividade, bem na frente, obrigar as forças inimigas posteriores a se desviarem, causando-lhes assim a perda de um tempo precioso.

A infantaria e a artilharia de vanguarda constituem um todo. Como se trata de, promptamente, pôr mãos á obra e tirar partido da situação variável, preciso é que as duas armas se ajudem mutuamente com o mais íntimo contacto. As baterias distribuídas á vanguarda devem, incondicionalmente, ficar subordinadas, sob o ponto de vista tático, ao commandante da mesma. Por isso não lhes devem ser dadas ordens pelo commandante geral de artilharia que se achar na frente ou que para ahi apressadamente se adeante.

No caso das circunstâncias mostrarem a conveniência de proceder-se de modo diverso, sómente ao chefe das tropas, a quem está subordinado o commandante da vanguarda, compete dar ordens a respeito. Deixar que as baterias da vanguarda abram o fogo ao mesmo tempo é retardar o começo da eficácia. A divisa diz: Rapido, mas sem precipitação. As baterias devem atirar logo que cheguem á posição e tenham alvos. O fogo das baterias inimigas não merece resposta enquanto elles não forem, por qualquer modo, descobertas. Em princípio, a necessidade da rapidez do fogo das baterias da vanguarda decorre da natureza do combate em formação. É importante tornar tão durável quanto possível a impressão causada a amigos e inimigos pelo troar dos canhões. Convém desorientar o inimigo sobre a fraqueza propria inicial. As fortes perdas verificadas ao começo do combate têm, frequentemente, mais intenso valor do que as que se lhe seguem. Isto impõe ao commandante da artilharia da columnna a obrigação de fazer, rapidamente, chegar ás baterias de vanguarda abundante remuniciamento.

O que acima se disse, quanto á dependência das baterias da vanguarda, se refere também, de modo análogo, á artilharia das columnas lateraes. Esta artilharia, para que as columnas desempenhem as missões recebidas, fica sob as ordens do commandante das mesmas. Exceptuam-se as baterias que o commandante das tropas de quem depender o das columnas tenha,

desde o começo, para si reservado; isto é, aquellas de que elle mais tarde, mediante ordens expressas, precise empregar noutra parte. Sómente no caso de autorização do commandante das tropas, poderá o commandante da artilharia dispôr das baterias das columnas lateraes. O facto de ser a artilharia de columna obrigada, em primeiro lugar, a proteger a luta das columnas amigas obriga-a entretanto a intervir no combate das forças vizinhas e a aproveitar todas as oportunidades de lançar sobre o inimigo tiros de flanco, de enfiada ou convergentes.

A EFFICACIA DO FOGO

Aos que vivem no campo com a tropa.

Com o objectivo de facilitar a tarefa dos que vivem no campo com a tropa, tive a lembrança de reunir, resumindo e coordenando, tudo que esparso existe em varios regulamentos sobre a eficácia do fogo da infantaria.

O que organizei nada tem de extraordinário e apenas representa um esforço tendo como mira facilitar aos que dão instrução á tropa, ou aos que se dão ao luxuoso trabalho de themes sobre cartas, as suas observações, no fim de cada exercício, sobre a eficácia do fogo.

As observações feitas no fim de cada exercício ao grupo que toma instrução, constituem, pela responsabilidade das fontes de onde sahiram e autoridade que têm (os varios regulamentos) aquillo que em literatura militar se chama critica. E esta critica, que em nosso meio ainda tanto inquieta e que se mostra sempre como um phantasma aos directores de exercício, longe de ser o que pensam, é, além de um conforto extraordinário que um director proporciona á tropa, uma verdadeira fonte de ensinamentos, talvez a mais salutar, porque tem seus fundamentos solidamente repousando sobre o que no assumpto constitue doutrina. Foi exactamente tendo em vista a critica, cousa que cada um de nós se deve ir habituando a fazer e principalmente a ouvir, mas ouvir respeitosamente, sem tentar justificativas em erros observados, que me levou á organização do quadro seguinte.

Que elle possa ser em alguma cousa útil áquelles a quem o dedico — é o que desejo.

Efficacia do fogo

1º — Do numero de fuzis.	Por parte do homem (discip. de fogo)	a — Da exacta applicação de todas as prescrições relativas ao manejo da arma e à conducta no combate.
		b — De uma educação militar suficiente para comprehendender todas as exigencias desta disciplina.
2º — Do judicioso emprego	Por parte do Commando (direcção do fogo)	c — De uma instrução militar perfeita
		1 — Para saber graduar rapidamente a alça de seu fuzil e preparar-se para o tiro. 2 — Para saber regular, por si, o consumo de sua munição. 3 — Para saber, por iniciativa propria, como e quando deve variar a velocidade do tiro. 4 — Para ter constantemente a attenção presa ao chefe e ao inimigo. 5 — Para saber aproveitar os accidentes do terreno e tornar, sem prejuizo da efficacia, mais segura a pontaria.
3º — Do tempo	Por parte do Commando (direcção do fogo)	d — Do grão de fadiga — (a respiração influe na pontaria).
		e — Do grão de excitação. . . .
4º — Da situação tactica	Por parte do Commando (direcção do fogo)	a — «Porque um fogo mal dirigido é, em geral, pouco efficaz.» b — «E um fogo sem efficacia levanta o moral do adversario.»
		c — Da confiança em si mesmo
5º — Da natureza topografica	Por parte do Commando (direcção do fogo)	d — Da distancia de abertura de fogo
		e — Da velocidade do fogo
6º — Da intensidade do fogo	Por parte do Commando (direcção do fogo)	f — Do tempo
		g — De uma indicação precisa de objectivo.
7º — Da intensidade do fogo	Por parte do Commando (direcção do fogo)	a — Vegetação espessa — diminue a efficacia. b — Terrenos pedregosos — augmentam projectis. c — Terrenos pantanosos — diminuem os ricochetes. d — Terrenos inclinados — favorecem ou não.
		e — «Os fogos de flanco são sempre efficazes a todas as distâncias e contra todos os objectivos.» f — «Depende tambem, ás vezes, do movimento das tropas vizinhas.

«A grande intensidade do fogo diminue a efficacia». (Observação do capitão Soloviev na Mandchuria) mas convém distinguir velocidade de intensidade. Esta, theoricamente, deve ser admittida até o limite maximo da velocidade.

Subsídio para o anno de instrucção

Instrucção Pratica — de um livro do commandante Royé.

III

B — Exercícios preparatórios

2º exemplo

Situação defensiva: Acção retardante pelo fogo.

THEMA (*) — O inimigo é assignalado para S. O. Uma companhia faz parte de uma rede de segurança e faz uma grande guarda nos arredores de A. O comandante da companhia reúne seus officiaes e seus graduados. Expõe-lhes a situação e lhes dá as suas ordens. Ao chefe do segundo pelotão é dada a seguinte missão: «Pequeno posto n.º 2. Estabelecel-o-his a cerca de um km. daqui, em um grupo de casas (*H*) situadas á beira de uma chapada. A estrada de marcha é a que seguimos. Limitarei o sector sobre o proprio local. Em caso de ataque não sereis sustentado. Sereis enquadrado á direita pelo pequeno posto n.º 1 e á esquerda pelo grande guarda vizinha.»

Exercicio n.º 1

Objecto — Acção do chefe e do grupo do momento em que a ordem foi recebida ao da sua execução.

Estudo — Disposições tomadas: ao partitir; durante o movimento; ao chegar no grupo de casas.

Situações successivas — *Disposições tomadas*
ENSINAMENTOS

Primeira — Situação resultante das ordens recebidas até o momento em que os elementos de protecção attingem o grupo de casas (*H*).

O chefe do grupo, depois de transmitir á sua tropa reunida a situação e a ordem recebida, deu com grande dificuldade a que se segue:

«O cabo x com uma patrulha de 4 homens cobrirá a marcha do pelotão. Determina-se á 500 m. além do grupo de casas. Permanecerá lá uma meia hora. Acompanharei a patrulha até as casas. O comandante da primeira secção commandará o grosso. Este marchará a 500 m. da patrulha.»

(*) Vide o croquis.

Esta ordem foi enunciada depois de mil atrapalhações. E' que o tenente não tinha o **habito** de dar ordens. Elle mesmo o confessou. O director pediu as razões da sua decisão: «Está certo o cobrir o vosso grupo, mas porque 4 homens, porque um cabo?»

Constitui assim a cobertura porque... é de **praxe** (!)

O director insistiu: «Está certo de que elles bastem para vos cobrir? Calculastes os embaraços que possam surgir durante a marcha? E o reconhecimento do grupo de casas?»

«Tomarei sempre que preciso patrulhas do grosso do pelotão». Então, o director se convenceu de que o tenente não havia fixado, convenientemente, a questão. Assim, conduziu-o progressivamente a raciocinar. Eis em resumo as suas palavras: de que se trata? Trata-se de marchar sobre o grupo de casas; ahí instalar um pequeno posto; attingil-o e nesse se instalar; isto em toda a segurança e com a maxima rapidez. A segurança será mantida por um orgão de protecção. Esta só será real e efficaz se o seu orgão puder assegurar-a a tempo. E' preciso, pois, que se lhe dê os meios para tal. A patrulha de 4 homens estará neste caso?

Que se lhe pôde exigir durante a marcha? Demais, será ella bastante para esquadriñhar o grupo de casas? Não! Estas considerações exigem que a patrulha seja mais forte. Não! E' preciso de vez banir a eterna patrulha de 4 homens e o seu inevitável cabo. E' preferível que preceda o grupo um reservatorio de patrulhas proporcional ao efectivo do mesmo. A esquadra — o quarto do grupo — é a fracção indicada. Deste nucleo se destacarão as patrulhas. Estas, a elle se recolherão a cada missão terminada. E quem a commandará?... O cabo? E o chefe da secção a que pertence esta esquadra? Ficará no grosso? O seu lugar não é com a fracção que representa o papel mais importante? A resposta é francamente positiva. Neste caso como em muitos outros resolverá o problema uma esquadra commandada por um sub-official.

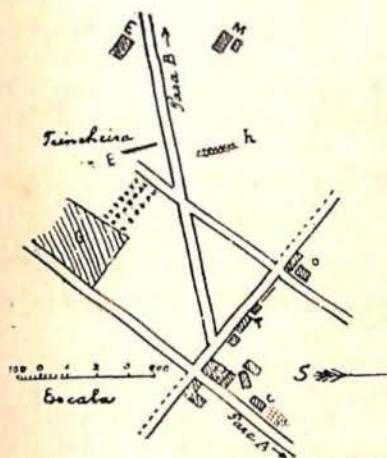
Porque prescrevestes á patrulha de se deter a 500 m. além das casas? Porque a espera de $\frac{1}{2}$ hora? Tendes a certesa de que isto bastará? Não! E' inutil e perigoso dar-se, á fracção encarregada de cobrir, uma ordem desta natureza. Basta que se ordene cobrir o movimento e a instal-

lação do grupo e se oriente o comandante da patrulha sobre a missão do pelotão. O simples termo cobrir tem para elle uma precisa significação.

«E a ligação com os grupos vizinhos?»

«Eu a estabeleceria depois de instalado.»

Quanto ao grupo da esquerda a idéa ainda pôde se sustar. Elle pertence à grande guarda n.º 2. O mesmo não acontece com o da direita. Com este é inquestionável a ligação. Pois a ambos não incumbe missão analoga? Não agem no mesmo sector? Como falsear a ligação durante o movimento para restabelecel-a mais tarde? Então, sel-o-á possível? Não! O tenente deve destacar homens de ligação para a direita e se possível para a esquerda.



E o lugar do chefe do grupo? O efectivo do elemento de protecção não comportava que elle o acompanhasse. O tenente se exporia inutilmente. No caso de uma esquadra elle poderá marchar com o núcleo de homens não empregados. Agora, sem grande perigo poderá ahí receber os informes.

Segunda — Situação durante o trajecto á instalação. O director *suppõe* que o movimento e o reconhecimento do grupo de casas se fez sem novidade. Quando a operação começa, o chefe da esquadra vem de grupal-a atraz da sébe *h* deixando 2 homens de observação. O chefe do grupo está ao lado delle. O grupo está a 200 m. á retaguarda deste. Desenfia-se por uma casa (*c*). O comandante da companhia acaba de chegar. Completa as primitivas informações e indica o sector da extremitade Oeste do coberto *G* (*E*) á casa *M*.

Os homens de ligação são: os da direita da casa *D* e os da esquerda do coberto *G*. O comandante da esquadra de cobertura fica atraz da sébe com a sua esquadra. Havia colocado uma sentinella que observa o terreno. O chefe do grupo sem fazer observações sae, avança cerca de 100 m. para a crista *FM*; depois volta e procura o grupo no ponto *C*. Dahi elle o transporta para traz de uma casa nas vizinhanças da sébe, fraciona-o, lança uma sentinella sobre o ponto que havia alcançado quando se adeantou e dá a uma patrulha a seguinte ordem: «Sahir do posto pela direita, attingir a casa *D*, depois as *F* e *M* e entrar pela órla do coberto *G*.» Emfim põe o grupo em repouso; coloca uma sentinella atraz da sébe *h* e faz uma nota para o comandante da companhia.

O director deteve a patrulha na occasião em que partia.

Em resumo, o comandante da esquadra assegurou a protecção com uma sentinella que observa da sébe: O comandante do grupo procurou collocação para sentinelas, procurou seu grupo e o fracionou e provê a sua segurança com uma sentinella e uma patrulha. Tudo foi rapido mas insuficiente. O director lhe perguntou o que faria em caso de ataque e isto porque as disposições tomadas não o indicavam. O tenente respondeu que se collocaria com seu pelotão atraz da sébe.

Então, o director discutiu, assim, os actos sucessivos do chefe do grupo: Attingidas as casas (*H*) resta proteger a instalação do grupo, permittindo-lhe segurança e repouso. Para isso é mistér ser capaz de retardar pelo fogo, nas melhores condições, a marcha do adversario. Assim:

- 1 — Sob a protecção de um coberto judiciosamente escolhido e colocado, *preparar* esta acção pelo fogo.
- 2 — Garantir toda segurança á tropa em repouso.
- 3 — Prever as disposições para a noite e a retirada.

Preparação da acção pelo fogo. — Antes que tudo a segurança. Como estabelecel-a? Bastará a sentinella da sébe *h* ou a 100 m. outra além desta? Não! É inadmissível que o grupo se installe em *H* sem saber se o inimigo ocupa ou não a crista *FM*. Aliás, a preparação da acção pelo fogo comprehende uma serie de operações que exigem um certo tempo. Se durante esta preparação o inimigo se apresenta, a

sentinella tal qual a collocaram não o verá senão quando elle transponha a crista. Ser-lhe-á impossivel precisar a sua força. O grupo se lançaria ao combate de uma posição qualquer e abriria um fogo *não preparado*. Durante todo o tempo da installação é preciso pois que se saiba o que se passa além da crista. E' preciso ir até ella e lá ficar o tempo *necessario*. Os cuidados da protecção pertencem pois á *esquadra* e não á *sentinella*. Logo que reconhecido o grupo de casas, o tenente devia apreciar na devida conta o terreno e decidir como cumpriria a sua missão. Conduzir a esquádra á crista e depois da certeza de que o inimigo não a occupa estabelecer um posto de observação na casa F, collocado de sorte a vêr o mais longe possível na direcção provavel do inimigo. Eis como se erra supondo que *antes de mais nada* se deve collocar sentinelas. Não as collocar mal para depois não ter que as mudar é o melhor. Que se aproveite o tempo precioso esquadrinhando o terreno com este fim. Não se trata de installar a esquadra mas o grupo. As sentinelas postadas fazem a segurança daquella e não a deste.

Assegurada a installação o chefe do grupo deve preparar a acção pelo fogo:

Procurando a ou as posições de fogo as melhores. Como as encontrar? As direcções perigosas as apontarão. O reconhecimento do terreno permittirá que se as determine. Ao attingir a orla do grupo de casas, o tenente deveria tel-o feito com seus auxiliares. Viria logo que a estrada AB e circumvisinhanças seria a direcção provavel do inimigo. Concluiria que só uma posição na orla bastaria. Restava-lhe escolher o melhor lugar — o que favorecesse mais farto campo de tiro e a maxima protecção. Em rapido estudo, assim orientado, encontraria a solução no muro da casa T. Nunca se teria decidido pela sébe.

Afferindo o terreno e fazendo ocupar a posição inicial. O chefe do grupo faria avançar o pelotão. Em quanto este se deslocasse, auxiliado pelo commandante da 2^a secção e por seus observadores, elle completaria o seu reconhecimento. Procuraria os principaes accidentes que pudessem desenfiar o inimigo. Afferiria as distancias principaes. Assim, determinaria: «A crista e as casas F e M a 1.200 m.; uma cochilha a 900 m.; uma sébe a 700 m. etc.» Estas distancias dadas facilitariam a apre-

ciação mais exacta dos pontos intermediarios. A chegada da tropa seu chefe a faria prompta a ocupar o muro. Orientala ia sobre a missão. Detalhava sobre o conhecimento do terreno em que agiria.

Garantir toda segurança á tropa em repouso. Em repouso numa granja vizinha do muro. Em segurança como? Que significa estar em repouso sob segurança? E' estar *prompto a atacar* o inimigo *quando se queira*. Tudo depende, principalmente, da distancia em que se quer agir pelo fogo e do tempo para se ocupar a posição escolhida. No presente caso tudo é simples e rapido. Quanto á sentinella melhor situál-a no sotão da casa T. Dahi a mascara da crista está diminuida. Ella verá mais. Para completar a segurança — patrulha. Nada porém de patrulha movel. Muito menos itinerario circular. Inutilidade e risco. O inimigo estará sempre onde a patrulha não está e desaparecerá de onde ella chega.

Resulta disso informações *incertas e erradas*. Uma patrulha fixa — *posto á Bugaud* — na casa F resolveria. Por signaes convencionados ella se comunicaria com a sentinella. Estas ultimas operações sugerem as seguintes observações que visam:

Missão do pequeno posto. Um dos espectadores pensa que o papel do pequeno posto é a vigilancia e não a resistência. Então... para que o chefe da companhia utiliza 50 fusis nesse ponto?

Ligaçao entre o chefe e seus homens. O chefe do grupo depois de escolhida a posição de combate contramarchou 200 m. em busca do grupo. Esta é uma falta que nove chefes sobre dez a commetem. Supõem que o grupo se perde sem a presença delles. Illusão! Automaticamente devem ser substituidos por seus imediatos. Estes, tambem automaticamente, devem estabelecer a ligação com o chefe que se afasta. Em o nosso caso, se tal se tivesse dado, quando o chefe decidio o avanço acharia logo um homem de ligação para transmittir a ordem. Em vez de perder tempo em buscar sua tropa perdendo tambem o contacto com a situação, ganharia tempo para completar o seu pensamento sobre o terreno, as posições, as distancias, as direcções perigosas, etc.

Formação a tomar para a occupação do muro. A tropa se desenvolveu em atiradores a 3 passos de intervallo. O director faz sentir ao tenente que elle não fôra

bem avisado. A formação a adoptar deve corresponder á situação e á natureza do obstáculo a guarnecer. Só se abre intervalos para diminuir a densidade e portanto a vulnerabilidade. Atraz de um muro a vulnerabilidade sob fogos de infantaria (a hypothese actual)... não, diluir o grupo é inutil e prejudicial. Torna mais difícil a acção do chefe, diminue o valor do fogo. Demais o regulamento é positivo: Sempre que possível cerrar os homens para restabelecer a ordem e o animo.

Disposições para a noite e a retirada. O director interrogou o chefe do grupo sobre estes assumptos. Este lhe respondeu que a nenhuma modificação procederia. O posto a Bugeaud continuaria proximo á crista não mais para vêr mas sim para ouvir. O director lembrou os homens de ligação em D e em G. O tenente lhe disse que os dobraria. Os conceitos do chefe do grupo foram julgados judiciosos.

Quanto á retirada, o director lhe fez notar que quando avançava devia ter tomado nota dos caminhamentos a seguir e das posições a ocupar no caso de exigências para retirar.

2º Tenente Mario Travassos.

Destruíções a explosivo (*)

(Continuação)

Execução das destruições a explosivo

Complemento aos ns. 185—191; vêr 173.

Destruição de pontes de madeira

512. O numero de cartuchos necessarios depende do diâmetro ou da maior dimensão da secção. Precisa-se de um cartucho até o diâmetro de 30 cm. ou maior dimensão da secção, de dois, até 45 cm. e de tres, até 55 cm. Sendo a madeira nova, muito dura ou sem nós, é preciso mais um cartucho.

513. Para destruir pontes de madeira basta em geral arrebentar um dos supports ou mais. (estacadas). Em cada estaca do supporte applicam-se tantos cartuchos quantos forem necessarios segundo o n. 512. São applicados (amarrados) logo acima da superficie livre da agua. A explosão de todas as cargas deve ser de preferencia simultanea, pelo processo da detonação por indução (505, 506).

Muitas vezes poder-se-á colocar as cargas sobre alguma travessa (fig. 237). A não ser assim, prega-se para esse fim um sarrofio sobre as estacas, ou um pedaço de taboa em cada uma (fig. 238).

Nas vigas de secção rectangular põe-se o cartucho atravessado sobre a estaca, sem que

elle a exceda, nas d... ção circular applica-se o cartucho com o lado comprido segundo o comprimento da viga (fig. 238).

514. Quando os vãos não são muito pequenos tambem convém a destruição da superestructura pelo arrebentamento de todas as longarinas. As cargas calculadas pelo n. 512 podem ser adaptadas ao lado superior — depois de afastada a cobertura nos respectivos pontos — ou ao lado inferior, p. ex., amarrando-as a um sarrofio.

515. Se a destruição fôr urgente, applicar-se-á uma carga em linha, transversalmente à ponte. Acima da longarina, cuja situação approximada facilmente se reconhece, applicam-se sempre diversos cartuchos contiguos, ao passo que nos intervallos basta uma fileira singela, (vd. fig. 239), os cartuchos ao comprido.

516. A's vezes encontram-se pontes de madeira com diversos lances cujos supports principaes (519) são constituídos de treliças, isto é, sistemas de vigas, de madeira armada aos lados do estrado, formando ás vezes ao mesmo tempo o guardamão. Para des ruir esses lances basta arrebentar as vigas mais importantes das duas treliças, quanto possível simultaneamente. No caso, porém das longarinas alcançarem de um á outra margem, é preciso destruirl-as, além das treliças.

Destruição de trilhos de estrada de ferro

(Vd. tambem 192—195)

517. E' regra geral fazer a destruição de trilhos nos topos, e nas curvas quando houver; neste caso no trilho exterior. Um cartucho é o bastante: elle produz um rombo de 25 cm. de comprimento. Caso se deseje uma destruição mais extensa applica-se outro cartucho a 1^m de distancia, e faz-se a detonação simultanea por indução (505, 506). O cartucho é aplicado de cutelo no lado exterior do trilho sobre as cabeças dos parafusos das talas de ligação, nunca mais alto do que a cabeça do trilho. Ahi fixa-se o cartucho encostando terra ou leivas. A patrulha de destruição compõe-se de um official ou sargento e duas praças.

Destruição nas estações e no material do trægo segundo 197 — 200.

Aplicação dos cartuchos nas chaves e cruzamentos, fig. 241 — 243.

Destruição de pontes de ferro

518. As pequenas pontes de ferro muitas vezes são constituídas apenas de vigas em duplo T, como longarinas, sobre as quaes repousa o estrado. Em taes pontes, para impedir o transito é preciso destruir todas as longarinas.

519. As grandes pontes de ferro têm em geral dois supports principaes da superestructura, á direita e á esquerda do estrado, entre os quaes se acham travessas. (fig. 244) Nessas travessas em geral se apoiam longarinas intermediarias em duplo T, sobre as quaes repousa então o estrado. Para pequenos vãos as longarinas principaes são de chapa de ferro, para grandes vãos constituem-se de um travamento superior e um inferior, ligados por um gradeamento (fig. 244 e 245). Como nestes casos tudo está dependendo dos supports principaes, obtém-se uma destruição efficaz mesmo arrebentando um só delles. Nos grandes vãos basta destruir um travamento de um dos supports principaes para determinar a queda da ponte. Escolhem-se para isso pontos em que a secção transversal não esteja reforçada por meio de cha-

(*) Do "Annexo do R. do serviço de sapa em campanha, para todas as armas": trabalhos de sapa a executar sómente pela cavallaria.

pas ou outras peças de ligação. A destruição de uma ou outra viga diagonal, sem indicação de um perito, em geral não dará resultado.

520. Se se pretende apenas interromper provisoriamente o transito, só se destrói uma viga transversal ou algumas sucessivas. (fig. 244, corte a-b).

521. Em todas as destruições de ferro as cargas de explosivo devem ser aplicadas — na maioria dos casos externamente — de modo a cobrirem quanto possível toda a secção transversal, só de um lado.

Para este efeito as chapas ligadas a rebite são consideradas como dando uma só secção. Se a secção tem espessura variável, a carga deve ser distribuída de maneira que nas partes mais espessas fiquem mais cartuchos do que nas mais fracas.

522. Para arrebentar vigas de ferro mediante a acção simultânea de várias cargas de explosivo, é possível a transmissão da detonação através do ferro, contanto que na face oposta à carga também se aplique um cartucho com uma esto-pilha aberta (á na fig. 246).

523. Nos processos de destruição indicados nos ns. precedentes trata-se sempre sómente de romper chapas lisas de ferro, de vigas em L ou duplo T ou de sistemas (treliças) de ferro, constituídas de vigas dessa forma.

524. Para determinar a carga (L) calcula-se approximadamente a secção transversal total a romper (F), sommando as secções das diversas partes (espessura pela largura ou altura) e divide-se-a por 40, isto é, $L = \frac{F}{40}$ = numero de cartuchos.

(Continua).

O Fusil Mauser M. 1908

Nomenclatura do fusil — Projecto de instruções para o seu uso

CAPITULO II

Manejo e funcionamento, desmontagem e montagem da arma.

§ 1 — Manejo da arma e funcionamento geral de seus mecanismos.

98 — Abrir a culatra. — Supponha-se a arma com a culatra fechada e o deposito vazio. O cylindro acha-se então rebatido á direita, alavanca deitada e travadores no fundo dos alojamentos correspondentes. O talão da nóz descansa no interior do entalhe de disparo e o percussor sobre-sae na cabeça do cylindro, com a mola em sua plena distensão. O dente do gatilho está saliente em seu orificio, correspondendo ao escavado médio do resalto da nóz que o cobre.

Para abrir a culatra, firma-se a arma com a mão esquerda, na altura de seu centro de gravidade, entre a alça e a testa da caixa da culatra e, com a direita, imprimindo á alavanca uma rotação de 90° para a esquerda, puxa-se o ferrolho á retaguarda até sentir-o chocar no dente do respectivo retém.

Ao mesmo tempo que o pé da alavanca desliza no recorte da ponte, o talão da nóz escorrega na rampa do entalhe de disparo, vindo apoiar-

se ao bordo posterior do cylindro, e o resalto da nóz, forçando o dente do gatilho a baixar, tran-spõe-no e coloca-se á retaguarda delle.

O cão recúa, por conseguinte, arrastando consigo o percussor e comprimindo-lhe a mola de uma quantidade igual ao comprimento do re-cuo. E' o primeiro movimento de armar o per-cussor, cuja ponta se retrai no interior do cy-lindro.

Em virtude da reacção da mola correspon-dente, o dente do gatilho eleva-se de novo em seu orificio, prestes a reter o resalto.

O extractor, tolhido em sua corredeira e liga-do ao cylindro por um anel móvel, não participa da rotação da peça. Limita-se a acompanhal-a em sua translação.

Do mesmo modo o receptor-guia do cão. O cylindro gira sobre elle, graças á porca interna e, quando a alavanca chega á posição vertical, o retém do receptor se encaixa no entalhe de se-gurança, e as duas peças, tornadas solidárias, recuam conjuntamente.

99 — Carregar o deposito. — Achando-se livre a abertura de carregamento, introduz-se com a mão direita um carregador guarnecido em seu receptor na ponte. A lamina ocupa ahi uma po-sição pouco mais ou menos vertical, suficiente-mente estavel para permitir apressão do pol-legal sobre o cartucho superior. A pressão deve ser exercida em sentido obliquo, proximo ao culote. Os cartuchos desprendem-se, dispondo-se ao lado uns dos outros, tres á direita e dois á esquerda, no deposito e de modo que o cartucho mais elevado fica saliente, com o culote um pouco adiante da cabeça do cylindro.

100 — Fechar a culatra — A mão direita em-punha de novo a alavanca, impelle o ferrolho pa-ra a frente e fal-o girar á direita, rebatendo a alavanca no mesmo sentido.

Logo no começo do movimento o carregador vasio cae para o lado, e o cartucho, galgando a rampa de acesso, é encaminhado para a camara, preso já á garra do extractor pela ranhura do culote.

No rebatimento da alavanca, a face esquerda posterior da ponte escora o retém do receptor-guia do cão e lhe comprime a mola, obrigando-o a deixar o entalhe de segurança e a recolher-se a seu alojamento.

Simultaneamente, o resalto da nóz esbarra no dente do gatilho, que o retém, immobilizando o cão, e a quantidade de que avança o cylindro durante a rotação completa o movimento de armar o percussor. O cartucho é então definitivamente introduzido na camara, os travadores de fechamento, dispostos no plano médio da arma, firmam-se aos contrafortes sob o esforço da mola do percussor, em sua inteira tensão, e o entalhe de disparo vem postar-se em correspondencia com o talão da nóz. A concordancia entre as super-fícies de escorregamento do talão e do entalhe é tal que permite o disparo, mesmo com a camara não de todo fechada, isto é, com a alavanca incompletamente rebatida, sem que disso resulte o minimo inconveniente para o atirador. Em tal caso, o fechamento se faz automaticamente, com o tiro.

O registro de segurança está em sua posição habitual — aza rebatida á esquerda, chanfro vol-tado para o cão, dente acima do entalhe de se-gurança.

101 — Disparar a arma. — Apontada a arma,

o atirador desfecha o tiro, puxando para si, com o pollegar direito, a cauda da tecla do gatilho. A resistencia da mola é vencida e a tecla oscilla em torno de seu eixo de articulação: o primeiro resalto de pressão deixa o contacto com a caixa da culatra, e o segundo, ou resalto posterior, ahí escorregando, provoca o abaixamento do corpo e, com elle, o do dente do gatilho. O resalto da noz não encontra mais obstáculo diante de si, e o percussor, formando massa com o cão e sua mola, que se distende de subito, precipita-se para a frente para ferir a capsula e inflamar o cartucho.

O talão da noz descansa novamente no fundo do entalhe de disparo.

Uma vez cessada a compressão da tecla, a mola do gatilho reage e o dente sobe, indo alojar-se no esvasiamento do resalto da noz.

102 — *Ejecção do estojo.* — Trazida a arma ao flanco, reproduz-se o movimento de abrir a culatra (n.º 98). A ponta do percussor recolhe-se ao interior do cylindro, e o estojo, arrastado pelo extractor, abandona a camara. Um pouco antes de completo o movimento retrogrado do ferrolho, o ejector se introduz na fenda do travador esquerdo, de sorte que, quando este choca o dente do retém, recebe o estojo, da esquerda para a direita e pela base do culote, um movimento de balanço que o projecta para fóra.

Aberta a culatra, a mola do transportador eleva um novo cartucho no deposito, dispondo-o pelo culote em correspondencia com a cabeça do ferro'ho, e o atirador nada mais faz que repetir os movimentos indicados a partir do n.º 100, até que o deposito esteja vazio.

103 — *Travar a arma.* — Armado o percussor, rebate-se á direita a aza do registro de segurança. Um dos entalhes do disco antepõe-se ao cão, escorando-o pelo bordo anterior, e o dente de segurança, penetrando no entalhe correspondente do cylindro, immobilisa a alavanca.

Com a interposição do disco, o cão recua um pouco, de mo'o a afastar do dente do gatilho o resalto da noz. A tecla pode então ser manejada livremente, sem perigo de disparo.

104 — *Destrarvar a arma.* — Rebate-se a segurança á esquerda, posição em que o dente da chaste deixa o entalhe do cylindro, e o chanfro do disco, sobreposto ao cão, lhe dá livre passagem.

O resalto da noz volta a apoiar-se ao dente do gatilho, apto para o disparo.

105 — *Descarregar o deposito.* — Imprime-se ao ferrolho, sem fechar a camara, um movimento alternado de avanço e recuo, tantas vezes quantos são os cartuchos existentes, amparando-os com o pollegar esquerdo acima da abertura de carregamento, para evitar que caiam por terra.

Vazio o deposito, o transportador sobe e vem apoiar-se aos bordos da abertura de passagem do cartucho.

106 — *Tiro rapido.* — E' assegurado em vista do disposto nos ns. 98 a 102, com uma velocidade proporcionada á presteza de movimento do atirador.

107 — *Tiro lento.* — Para executar o tiro por carregamento sucessivo, estando vazio o deposito ou com sua dotação incompleta, dispõe-se o cartucho sobre o transportador, á direita da nervura ou ao lado do cartucho mais elevado, calçando-o para baixo com o pollegar direito até prendê-lo ao bordo da abertura de passagem.

Em hypothese alguma deve ser o cartucho conduzido directamente á camara: por occasião do fechamento, fará o extractor um movimento forçado para se introduzir na ranhura do estojo, o que deteriora e fatiga a peça e lhe pôde trazer a ruptura.

108 — *Desengatilhar.* — Para fechar a culatra, desarmando ao mesmo tempo o percussor, particularidade que aproveita a varias circumstâncias, puxa-se com o dedo minimo direito a tecla do gatilho e com o pollegar dâ-se volta á alavanca.

Pode-se conseguir mais commodamente o mesmo movimento, empurhando a arma com a mão esquerda, pelo delgado, e trazendo-a á trente do corpo: o indicador esquerdo afasta o gatilho enquanto a mão direita gira a alavanca.

§ 2 — Desmontagem e montagem da arma.

109 — As operações de desmontagem e montagem subordinam-se a dois pontos de vista distintos: de um lado, a conservação e a limpeza, de outro, concertos ou reparações do armamento. O primeiro ponto de vista, restricto por sua natureza, entende com o que pôde ser feito na companhia, pelo respectivo pessoal. O segundo, mais complexo, abraça o conjunto da arma e é por isso mesmo privativo dos arsenaes de guerra ou establecimentos congeneres.

Dahi a separação em *desmontagem e montagem parciaes* e *desmontagem e montagem geraes* da arma

As operações da primeira categoria são as unicas cujo conhecimento affecta directamente a tropa, por servirem de base aos cuidados usuais com o armamento, razão porque serão ellas, exclusivamente, aqui contempladas.

110 — As peças que é permitido retirar ou desmontar na companhia, são: a bandoleira, a vareta, o cobre-mira, o ferrolho e o fundo do deposito.

Para a bandoleira, ter-se-á presente o que foi dito nos ns. 80 e 81.

VARETA

111 — A vareta é desatarrachada do batente (ou nelle atarrachada), antes de retirada do respectivo canal (ou depois de ali introduzida): toma-se a cabeça da haste entre os dedos e dâ-se-lhe um movimento de giro sobre si mesma, da esquerda para a direita (ou da direita para esquerda), até desprendê-la (ou prendê-la) completamente.

COBRE-MIRA

112 — Firmada a arma pela soleira, calca-se com a palma da mão direita a parte superior do dedal, rodando ao mesmo tempo a peça num ou noutro sentido, para desembarrasar a garra do appendice do embasamento da maça de mira.

Na collocação, ajusta-se o dedal á boca da arma, appendice á direita ou á esquerda, calca-se e gira-se a peça, trazendo a garra a abraçar o embasamento.

FERROLHO

113 — *Desmontagem.* — Arma-se o percussor, executando um duplo movimento de abrir e fechar a culatra. Levanta-se na vertical a aza do registro de segurança e abre-se novamente a culatra: o pollegar esquerdo afasta lateralmente o retém e, com a mão direita, retira-se da arma o ferrolho.

A desmontagem effectua-se na seguinte ordem: *desatarrachar o receptor-guia do cão, desmontar o dispositivo de percussão, retirar a segurança, o retém do receptor e o extractor.*

114 — *Desatarrachai o receptor.* — Com a mão esquerda firma-se o cylindro e com a direita — pollegar disposto sobre a cabeça do retém, para calcal-o no inicio do movimento e obrigal-o a deixar o entalhe de segurança — gira-se o receptor á esquerda. O dispositivo de percussão des prende-se com elle do cylindro.

Deve-se ter cuidado em não alterar a posição da aza do registro de segurança, afim de manter comprimida a mola do percussor, sem o que não seria possível desmontar ou montar o ferrolho.

115 — *Desmontar o dispositivo de percussão* — Colloca-se o percussor verticalmente, com a ponta para baixo, apoiada sobre uma prancha de pinho ou outra madeira molle, um calço de feltro ou papelão. A mão esquerda envolve o receptor, dispondo o pollegar sobre a aza da segurança e calca o conjunto para baixo, até que o talão da nóz deixe a sua corredica no receptor. Com a mão direita imprime-se ao cão um giro de um quarto de círculo para qualquer dos lados e saca-se a peça.

O receptor-guia, livre na haste do percussor, sobe com a distensão da mola, que reage energeticamente. Deve-se por isso amparal-o nesse movimento, afim de evitar seja elle projectado á distancia.

Retira-se a mola, tornada igualmente livre.

116 — *Retirar a segurança.* — Gira-se a aza á direita e puxa-se a peça para traz. Ella deixa facilmente seu alojamento.

117 — *Retirar o retém do receptor.* — Calca-se com o pollegar esquerdo a cabeça da haste, dando-lhe simultaneamente uma pequena rotação á direita, de modo a pôr o braço de segurança fóra da abertura que lhe dá passagem. A mola encarrega-se de fazer sahir a peça de seu alojamento.

118 — *Retirar o extractor.* — Com o pollegar direito firma-se a cauda e apoia-se o pollegar esquerdo á extremidade anterior da peça. Gira-se o extractor á direita, até collocal-o entre os travadores, cobrindo os orifícios de escapamento. Impelle-se a lamina para a frente, com o pollegar direito firmado ao talão.

119 — *Montagem.* — Obedece á seguinte ordem: collocar o retém do receptor e a segurança em seus respectivos alojamentos, montar o dispositivo de percussão, atarrachar o receptor ao cylindro, collocar o extractor.

120 — *Collocar o retém do receptor.* — Adapta-se a mola á extremidade inferior da peça, introduzida em seu alojamento sob pressão do pollegar esquerdo.

121 — *Collocar a segurança.* — Leva-se a haste á cavidade correspondente do receptor, com a aza deitada á direita. Rebate-se depois a aza á esquerda.

122 — *Montar o dispositivo de percussão.* — Introduz-se a mola na haste do percussor e em seguida o receptor-guia do cão. Dispõe-se a aza de segurança na mesma posição da desmontagem, isto é, no plano médio do receptor e, sobre ella, firmada a ponta do percussor sobre uma prancha de pinho, um calço de feltro ou papelão, apoia-se o pollegar esquerdo para comprimir fortemente a mola e desembaraçar os filetes. Colloca-se agora o cão e gira-se rapidamente a peça, de maneira a introduzir a nóz na corredica do receptor.

123 — *Atarrachar o receptor ao cylindro.* — Com a mão esquerda firma-se o cylindro e com a direita executa-se o movimento, dando ao receptor cinco voltas completas antes de ajustal-o pelo bordo anterior á superficie de concordância do pé da alavanca. O resalto do retém estará então encaixado no entalhe de segurança.

124 — *Collocar o extractor.* — Move-se com o annel, dispondose-lhe a presilha entre os orificios de escapamento, e sobre elle adapta-se o extractor, presilha e encaixe correspondente em face um do outro. Com o pollegar direito exerce-se uma forte pressão na cauda e, como o esquerdo, levanta-se a parte anterior da peça, em purrando-a ao mesmo tempo para traz.

Por um movimento á esquerda leva-se o dente a penetrar em sua ranhura e a lamina a cobrir o travador direito.

125 — Introduz-se finalmente o ferrolho na caixa da culatra. Rebate-se á esquerda a aza da segurança e fecha-se a camara executando o movimento de *desengatilhar* (n. 108).

FUNDO DO DEPOSITO

126 — *Desmontagem.* — Calca-se o retém com a ponta de um falso cartucho ou a cabeça da vareta, imprimindo simultaneamente um movimento de diante para traz ao fundo do deposito. A mão esquerda ampara a peça, que se destaca sob a pressão da mola do transportador, arrastando consigo transportador e mola.

Separam-se o fundo do deposito, o transportador e a mola, retirando de suas ranhuras os ramos extremos desta.

127 — *Montagem.* Reunidas as tres peças, introduzem-se o transportador e a mola no interior do deposito e ajusta-se o fundo á abertura inferior do cofre. A mão esquerda o sustenta e o pollegar direito o calca para baixo e para a frente, na altura do resalto, de modo a comprimir o retém e encaixar os linguetes.

CAPITULO III

Conservação e limpeza da arma

CONSERVAÇÃO

§ 1 — Generalidades

128 — Para tirar vantajosamente partido de sua arma, deve o soldado, antes de tudo, saber que o rendimento de que ella é capaz depende intimamente dos cuidados que lhe forem proporcionados.

A esse destino obedecem as regras de conservação e limpeza tendentes a manter no armamento as qualidades de que é dotado.

129 — A arma deverá ser sempre trazida ao abrigo de quedas, pancadas ou toda outra causa que possa damnificá-la. Ao apoial-a ao terreno, o soldado o fará moderadamente, evitando chocá-la pela soleira. Igual precaução será observada nos movimentos de collocar e retirar o sabre, ensarillar e desensarillar, executados sem puxões ou sacudidelas prejudiciais.

130 — Nos exercícios que exigam o movimento de deitar corpos, o soldado agirá de modo a amparar a sua arma, afastando a possibilidade da entrada de areia ou outros corpos estranhos no interior do cano. Se o terreno estiver molhado ou é lamacento, todo o contacto com elle, por parte da arma deve ser prudentemente evitado, afim de preserval-a quanto possível da acção da humidade, provocadora da ferrugem das partes metalicas e do empenamento da coronha.

131 — Conservar a arma em continuo estado de asseio e convenientemente lubrificada, é a melhor garantia de sua durabilidade e bom funcionamento. Sujeira e ausencia de lubrificação acarretam emperramentos e négas e, pela formação da ferrugem, condemnam a arma a uma rápida inutilisação.

Canos interiormente enferrujados dilatam-se e a arma perde de sua bondade, por falta de justeza.

132 — Dentre as peças a que a maior solicitude deve ser consagrada, destacam-se a alça e a maça de mira, cujos desarranjos se traduzem por irregularidades no tiro. Armas que apresentem a menor diferença no ajustamento de seus órgãos de pontaria, devem ser mandadas imediatamente a reparar.

133 — O empenamento da corona e a exagerada tensão da bandoleira (n. 80) são outras tantas causas que pezam desfavoravelmente sobre a justeza.

134 — Na companhia serão as armas guardadas em cabides e, de preferencia, em armários fechados, ao abrigo da poeira e em logar isento da humidade—cobre-mira posto, bandoleira curta e culatra fechada, na posição de disparo, para não fatigar inutilmente a mola do percussor. Observar-se-á a posição de bandoleira longa se o envernizado é recente.

135 — As armas conservarão o cobre-mira sempre que as condições do serviço o permittam (guardas, paradas, exercícios de evoluções ou de manejo da arma). Sentinelas com armas embaladas repôl-o-ão logo depois de rendidas.

Analogia disposição vigorará para o uso do guarda-fechos, conservado desde que as circunstâncias não lhe imponham a retirada.

136 — Nos acampamentos ou abarracamentos de manobras, prestar-se-á o maior cuidado á observancia das prescrições relativas á immunisaçao do cano de corpos estranhos e humidade. Velar-se-á igualmente para que as armas sejam mantidas á distancia do fogo, e livres de sobrecarga: a elas suspender ou pendurar quaisquer objectos é terminantemente prohibido.

137 — Nas marchas, a nenhum soldado é permitido transportar mais de duas armas ao mesmo tempo e, nesse caso, elas não se devem tocar.

§ 2 — Precauções por occasião do tiro

138 — Antes que uma força marche para o campo de exercicio ou linha de tiro, deve-se examinar cuidadosamente se o interior do cano está limpo e livre de corpos estranhos. Immediatamente antes do começo do fogo, providenciar-se-á sobre a retirada do cobre-mira.

Atirar com o cobre-mira ou com o cano por qualquer forma obstruído, pôde acarretar o arrebentamento da peça.

139 — Cartuchos que apresentem golpes, moscas ou esmagamentos, sujeira, traços de oxydação ou a bala frouxa, devem ser rejeitados. Os que cahirem ao chão durante o carregamento, deverão ser limpos antes de conduzidos ao deposito.

140 — O caso frequente e, pôde-se dizer, fatal, de ruptura da arma, com grave risco para o atirador e os que se lhe avisinharam, é aquelle em que se atira com um projectil alojado no interior do cano, em consequencia do disparo anterior—cartucho com bala frouxa, tendo deixado escapar parte de sua carga ou não permitindo à

pólvora desenvolver o potencial de que é capaz. A verificação do perfeito engastamento da bala é assim uma medida de segurança.

141 — Em principio só se deve atirar com munição fresca. A experiência prova que a munição velha age desfavoravelmente sobre a arma e que, a partir de quatro annos de armazenamento, ella começa a perder suas qualidades.

§ 3 — Emperramentos

142 — Os emperramentos da arma pôdem ser causados por estragos, sujidade, ferrugem ou irregularidades na camara, na caixa da culatra (alojamento e corredições dos travadores) no ferrolho, no mecanismo de repetição ou nos cartuchos, ou ainda por imperícia do atirador.

Em regra, elles provêm da arma (*) e são mais frequentes no apparelho de fechamento. Se são simplesmente produzidos pela sujeira, presença de corpos estranhos ou falta de lubrificação das partes em contacto ou superficies de attrito, facil é ao atirador remover as causas. Circumstancias ha, porém, em que taes causas são mais ou menos permanentes e estão sobre tudo relacionadas com o estado correspondente da arma. Exemplo: uma camara dilatada offerece margem a uma dilatação do mesmo sentido por parte do estojo, cujas qualidades elásticas são muito fracas. Elle adhère tanto mais energicamente ás paredes da camara quanto a superficie destas é menos lisa ou igual, donde uma causa de emperramento do ferrolho, pela resistencia opposta á extracção.

143 — Em séries demoradas de fogo rapido, a producção de uma considerável temperatura na camara pôde originar ní cabeça do ferrolho effeitos prejudiciais de dilatação, mais facilmente aggravados se o excesso de temperatura vier combinar-se com uma insufficiencia de tempera do metal. Dahi dificuldades que possam encontrar os travadores em entrar ou sahir de seu alojamento.

144 — Com armas em que o total dos disparos monte já a um numero considerável, nota-se por ultimo: sob o effeito da forte pressão a que se acham submettidos no tiro, os travadores acabam por imprimir uma certa deformação á parte interna dos contrafortes, que lhes serve de apoio. A superficie apresenta-se mais ou menos irregular ou aspera nas vizinhanças das rampas de escorregamento, o que provoca da parte do ferrolho, no movimento de abrir ou fechar a camara, uma resistencia maior ou menor, segundo o grão de usura.

145 — Salvo os casos previstos no n. 142, (emperramentos por sujidade, falta de lubrificação ou presença de corpos estranhos), é formalmente interdicto ao soldado tentar corrigir os defeitos, anomalias ou desarranjos que observe em sua arma. Elle deve limitar-se a annunciar os seus superiores.

§ 4 — Négas

146 — As négas ou falhas podem provir da arma ou da munição. As procedentes de defeitos

(*) O rigor hoje em dia levado ao fabrico da munição, desde o preparo dos elementos até as operações finaes de carregamento e comprovação do peso, forma e dimensões do cartucho concluido, exclue de mais a mais sua participação nas causas de emperramento da arma. O caso decisivo de emperramento provocado pela munição seria o de cartuchos anormalmente deformados (tortos) ou produzindo pressões muito exageradas.

da arma pôde causas: incompleto atarrachamento do ptor-guia do cão ao cylindro, incompleto fechamento da culatra, em consequencia de sujeira, ferrugem, falta de lubrificação ou desarranjo das partes interessadas; gasto da ponta do percussor; fadiga da mola do percussor ou máo funcionamento della, por excesso de sujeira ou lubrificante mal escolhido.

147 — As causas de négas por parte da munição resumem-se em insuficiente energia do misto, por alterabilidade ou escassez, e bigorna baixa.

148 — Sempre que se produza uma néga, deve-se atirar uma segunda vez. Se o cartucho ainda falha, abre-se cautelosamente a camara, depois de uma certa pausa, e leva-se a experimental-o em mais uma ou duas armas, afim de ver se o plenomeno persiste, e a qual dos lados se o pôde attribuir.

149 — Uma arma que dê repetidamente négas deve ser submettida a uma verificação minuciosa.

150 — Cartuchos que houverem fornecido falhas, serão, para exame, e com as devidas annotações, devolvidos ao estabelecimento competente (Fabrica do Icalengo).

(Continua)

O cavallo de guerra

Do livro "Das Armeepferd" do general de cavallaria F. v. Damitz, ex-inspector da remonta prussiana.

Desenvolvimento da noção da criação do cavallo de guerra — O cavallo foi em todos os tempos um importante recurso de guerra e ainda hoje o é, não obstante a mudança dos processos de combate, o aperfeiçoamento das armas e o progresso dos meios de comunicação. Para as nações que pela situação geographica, politica, etc., pôdem ser empenhadas numa guerra terrestre, a importancia da criação cavallar mede-se pela possibilidade de conseguir no seu territorio o numero de cavallos necessarios para seu exercito em campanha. Vemos tambem que as instituições organizadas, em quasi todas as nações civilisadas, para estimular e orientar a criação cavallar, teem em vista não só a produção para o trabalho e as comunicações, mas especialmente a de um cavallo apropriado para as necessidades de campanha, isto é, do cavallo de guerra. Como em tantos outros dominios, tambem neste a guerra é um importante factor cultural.

O cavallo tem desempenhado através dos seculos um importante papel na vida

dos povos. Sobre o seu dorso emigraram elles para fundar novas patrias noutras terras, para subjugar outras nações.

O cavallo ajudou a levar a cultura e a destruição pela superficie da terra, e, vencendo as distancias com o seu duro casco, sua influencia foi decisiva para a sorte dos povos.

Quasi todos os paizes tinham primitivamente seu typo de cavallos, distinto pela conformação e pelas propriedades. Com o tempo, pelas migrações, pelos cruzamentos, etc., produziu-se grande mistura dos typos; muitos fundiram-se, outros extinguíram-se, alguns ficaram mais nobres. Antigamente os cavallos viviam em estado selvagem e eram mais cedo ou mais tarde apanhados pelo homem para utilisal-o, como ainda hoje succede em alguns paizes onde se os deixa inteiramente ou semi-selvagens.

Tornando-se o cavallo indispensavel ao homem, começou a preocupação de aperfeiçoal-o. A mais antiga criação de cavallos, segundo regras certas, teve lugar entre os arabes. Ella teve mais tarde a maior influencia sobre a criação cavallar europeia, pois todos os modernos typos de "sangue quente" fundam-se directa ou indirectamente no "sangue oriental". Nas suas lutas e caçadas e na sua vida inconsante, o cavallo era para o arabe um companheiro e camarada inseparável.

As influencias dessas estreitas relações, o cuidado dedicado no proprio interesse ao trato, educação e reprodução desse fiel companheiro, aperfeiçoaram e ennobreceram o cavallo arabe para um typo especialmente apto para a guerra e às caças.

O ennobrecimento das raças indigenas européias pelo sangue arabe começou na Hespanha sob o domínio dos Mouros e dahi propagou-se aos outros paizes.

Na Alemanha encontra-se o primeiro influxo do sangue arabe sob os Hohenstaufen. No seculo XV muitos principes allemães possuíam suas coudelarias, ennobrecidas por garanhões de varias raças orientaes, então chamadas mouras.

A velha Germania era muito rica em cavallos selvagens e domesticados. No velho poema dos Nibelungen os cavallos da Frisia são cantados como nobres e celebres. As mais antigas noticias da utilisação do cavallo germanico pelo homem remontam á época do nascimento de Christo.

(Continua.)

Decreto n.º 11.899 – De 19 de Janeiro de 1916

Altera o plano de uniformes do Exercito relativamente a algumas de suas partes.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil resolve mandar que, no plano de uniformes em vigor para o Exercito, se observem as seguintes alterações:

a) o actual gorro de pala será substituido pelo bonet modelo americano, com capa de flanella kaki, ou de brim kaki ou branco, de ccôrdo com a figura junta;

b) a copa do bonet, de feitio circular, será armada por meio de um arame de aço e terá o diâmetro de 23 a 25 centimetros; em cada um dos lados, correspondendo aos botões da jugular, ella será dotada com dous ventiladores da mesma cõr da fazenda;

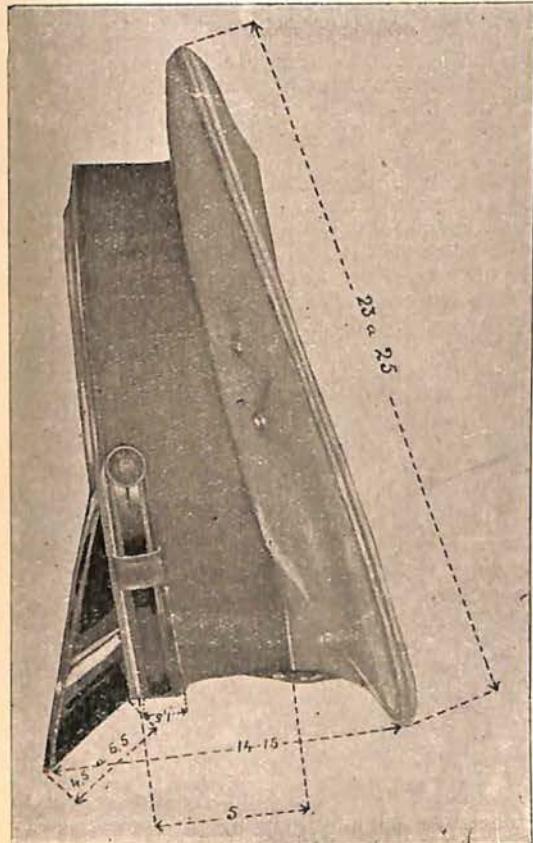
c) a cinta terá 0m,05 de altura e será formada por uma fita de lã kaki, semelhante ao gorgorão, com os fios salientes no sentido vertical, e de coloração mais escura que a cópa; ella assentará sobre o debrum saliente da armação;

d) a pala, curta e curva, será de couro amarelo lustroso, tendo a largura maxima compreendida entre 4,5 e 5,5 centimetros, conforme as outras dimensões do bonet;

e) a jugular, do mesmo couro amarelo, terá 1,5 centimetro de largura;

f) a altura do bonet, desde a ponta extrema da pala á parte anterior e superior da copa, ficará comprehendida entre 14 e 15 centimetros;

g) para todas as armas, o bonet dos officiaes terá na frente, correspondendo ao meio da pala,



o emblema da Republica, de metal bronzeado, medindo cinco centimetros de altura, e sendo preso de modo a se sobrepor simultaneamente á cinta e á cópa; para as praças o bonet terá o emblema da arma;

h) os botões da jugular serão do mesmo metal bronzeado e terão estampadas em alto relevo as armas da Republica;

i) os generaes usarão o novo bonet nos uniformes kaki e branco, sendo que, quando trouxerem a cópa de flanella ou branca, usarão uma cinta preta com bordado estampado a ouro, indicativo do posto;

j) para o terceiro uniforme, tanto os generaes, como os demais officiaes e os aspirantes, usarão o actual kepi do segundo uniforme.

Fica adoptado para os officiaes o capote de panno da mesma cõr e feitio que os das praças, usando-se nelle os distintivos como actualmente fazem as tropas a pé.

E' estabelecido o prazo de um anno, a contar da data deste decreto, para a substituição dos capotes e ponchos actuaes, sendo permittido, durante o mesmo prazo, o uso do gorro de pala.

E' permittido aos officiaes, quando fóra do serviço, trazerem a pélerine ou mac-farlan de cõr azul-ferrete.

Fica suprimida a banda do uniforme dos generaes, e substituída a lista bordada da actual calça do terceiro uniforme, por um galão de seda estampada com folhas de carvalho, tendo cinco centimetros de largura.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1916, 95º da Independencia e 28º da Republica. — Wenceslau Braz P. Gomes. — José Caetano de Faria,

PUBLICAÇÕES DO MINISTÉRIO DA GUERRA

A VENDA NO DEPARTAMENTO CENTRAL

(Aviso n. 1 de 11 de Janeiro de 1916)

Ordenanças dos toques de corneta e clarins, pelo Capitão Souza Castro.....
 A Argentina Militar e Naval, pelo 1º Tenente Genserico de Vasconcellos.....
 Regulamento para exercício da Cavalaria Brazileira, pelo General José Caetano de Faria.....
 Instrução para esgrima de lança, pelo 2º Tenente Lima Mendes.....
 Jogo da Guerra, pelo Capitão Moreira Guimarães.....
 Instrução para o serviço do canhão Krupp 7,5 L 28, pela Direcção Geral de Artilharia.....
 O Militar Arregimentado, pelo Tenente Oliverio (2 volumes).....
 Regulamento para o serviço de Veterinaria do Exército.....
 Instrução para o serviço das comunicações telegraphicas nas Brigadas Estratégicas.....
 Instruções para o fuzil metralhadora "Madsen".....
 Regulamento para o serviço de remonta do Exército.....
 Esgrima de Espada pelo 2º Tenente Castro e Silva.....
 Synopsis da Legislação Brazileira 1891/96, por Nascimento e Silva
 Relatório das manobras e exercícios militares de 1906
 Relatório das manobras e exercícios militares de 1907
 Exame Prático, pelo Tenente Oliverio (4 volumes).....
 Estudo de Fortificação Semi-Permanente (traduzido do francês por um oficial de Artilharia).....
 Instrução do fuzil de repetição Mauser (Modelo 1895) pela Comissão Técnica Militar Consultiva.....
 Regulamento da Polyclínica Militar Selecta Franceza, pelo Dr. Lino de Andrade.....
 Histoire des Campagnes de L'Uruguay, Matto Grosso et Paraguay, por E. C. Jourdan (3 volumes)....
 Historia das Campanhas do Uruguay, Matto Grosso e Paraguai, por E. C. Jourdan (3 volumes)....
 Nomenclatura e manejo da clavina allemã, modelo 1888, pela Comissão Técnica Militar Consultiva
 Nomenclatura do revolver Gerard, pela Comissão de Melhoramentos do material de guerra.....
 Decretos de Remodelação do Exército
 Exercícios de quadros sobre a carta para a arma de infantaria, pelo tenente coronel Pinto de Gouvêa

Preço	Porte e registro
1\$000	\$240
2\$000	\$500
1\$000	\$260
\$300	\$220
1\$000	\$260
\$500	\$240
2\$000	1\$600
\$500	\$220
\$300	\$220
\$500	\$240
\$500	\$220
1\$000	\$520
2\$000	\$640
2\$000	\$540
3\$000	3\$320
\$800	\$240
\$800	\$240
\$300	\$220
1\$500	\$320
3\$000	\$560
\$500	\$240
\$500	\$240
\$500	\$280
1\$400	\$420

Preço	Porte e registro
1\$000	\$340
\$200	\$220
\$200	\$220
Instruções para o Tiro da Pistola Parabellum (1912).....	\$600 \$240
Instrução para o exame do armamento portátil e respectiva munição (1910).....	\$200 \$220
Serviço Geographico do Estado Maior do Exercito, pelo capitão Montarroyos.....	\$500 \$220
Instruções sobre o expediente do Ministério da Guerra (1909).....	\$200 \$220
Instruções para as paradas em que concorram as diferentes armas (1913)	\$200 \$220
Instruções para os serviços de Estado Maior nas regiões e grandes unidades e serviço de ordenança (1913).....	\$300 \$220
Instruções para o serviço das metralhadoras Maxim (1912)	\$800 \$300
Instruções para signaleiros (1914).....	\$300 \$220
Instruções para esgrima de bayoneta (1914)	\$300 \$220
Regulamento de Gymnastica para Infantaria e tropas a pé (1913) ...	\$800 \$260
Regulamento de Tiro para a artilharia de campanha (1914).....	\$500 \$240
Regulamento de exercícios para a infantaria (1915)	\$800 \$280
Regulamento para os grandes comandos, commandos de Brigadas e de Circunscrição militar (1915)	\$200 \$240
Regulamento de Tiro para a infantaria (fuzil modelo 1908)	\$800 \$260
Regulamento para as manobras do Exército (1913).....	\$500 \$240
Topographia elementar (1914).....	\$800 \$280
Regulamento do Estado Maior do Exército (1913),.....	\$200 \$220
Regulamento de continências, sinalas de respeito e honras militares (1915).....	\$200 \$220

Para a aquisição destas publicações, os interessados nesta Capital deverão dirigir-se à 3ª Divisão do Departamento Central, ao Capitão Intendente; os de fora desta Capital deverão encaminhar os pedidos ao Chefe do Departamento acompanhados da importância das mesmas e do seu porte e registro.

Capitão Intendente *Antonio Monteiro Meirelles.*

EXPEDIENTE

Por motivo de força maior, deixamos ainda neste número de publicar as cartas de Griepenkerl, que, entretanto, distribuiremos com o n. 31

*

De ora em diante as assignaturas começará em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.

Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.

D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.

G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.

G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.

D. A. — Coronel Principe.

3.º D. — 2.º Tte Columbano Pereira.

IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.

4.º Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.

6.º Br. I. — Cap. Barros Barretto.

Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.

1º R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.

2º R. I. — 1º Tte Octaviano Gonçalves.

3º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.

52º Caç. — 1.º Tte Maciel da Costa.

56º Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.

1a Cia. Metr. — 2º Tte A. Cesar da Cruz.

Arsenal — Major Heitor C. Borges.

1º R. Cav. — Aspirante Oswaldo Rocha.

13º R. Cav. — 2º Tte Sylvestre Mello.

5º Br. I. — 1.º Tte Jucá.

1º E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.

1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.

20º G. Art. — Aspirante Mario Teixeira Netto.

3º G. Ob. — 2.º Tte Fiúza de Castro.

1º Bat. Art. — Aspirante Gilberto de Freitas.

2º Bat. Art. — 1º Tte Octaviano Leão.

Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.

1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.

Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.

E. M. — Realengo, Sr. Agenor Carlos Brandão

Alumno Thimotheo F. Machado.

E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.

Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.

2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)

Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos.

Fóra do Rio de Janeiro

47º Caç. — Belém, Aspirante Tristão Araripe.

50º Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.

53º Caç. — Lorena, Capitão F. Vasconcellos.

5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel. Leovigildo Paiva.

11º R. Cav. — Bagé, 1º Tte L. Almada Rodrigues.

15º R. Cav. — Aspirante Manoel Brilhante.

Coll. Barbacena — 1º Tte Eduardo C. de A. Sá.

Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.

S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.

VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.

43º B. Caç. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.

6º B. Art. — Bahia, Tte Cel. Pimenta.

5º G. Ob. — R. Grande, 1º Tte J. Eraldes de Oliveira

16º Grupo — Major Ramiro Souto.

18º Grupo — Bagé, 1º Tte Salvador Obino.

Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende

Fabr. Estrella — 2º Tte Maciel da Costa.

10º R. I. — 2.º Tte Boanerges Marquesi.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602